



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**  
**JORNALISMO**

**O grito que vem das ruas: uma análise da cobertura midiática do Jornal Nacional e da Mídia Ninja durante os protestos da Copa das Confederações**

Renata Maria Borges Fontanetto

RIO DE JANEIRO  
2014

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**  
**JORNALISMO**

**O grito que vem das ruas: uma análise da cobertura midiática do Jornal Nacional e da Mídia Ninja durante os protestos da Copa das Confederações**

RENATA MARIA BORGES FONTANETTO

Monografia submetida à banca de graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para a obtenção do diploma de Comunicação Social, habilitação em jornalismo.

**Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ieda Tucherman**

**Coorientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Cecília C. B. Cavalcanti**

RIO DE JANEIRO  
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a monografia **O grito que vem das ruas: uma análise da cobertura midiática do Jornal Nacional e da Mídia Ninja durante os protestos da Copa das Confederações**, elaborada por Renata Maria Borges Fontanetto.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia ...../...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Ieda Tucherman  
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ  
Departamento de Comunicação - UFRJ

Coorientadora: Profa. Dra. Cecília C. B. Cavalcanti  
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ

Profa. Ivana Bentes  
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ  
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Henrique Antoun  
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ  
Departamento de Comunicação - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2014

## FICHA CATALOGRÁFICA

FONTANETTO, Renata Maria Borges.

O grito que vem das ruas: uma análise da cobertura midiática do Jornal Nacional e da Mídia Ninja durante os protestos da Copa das Confederações. Rio de Janeiro, 2014.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) –  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de  
Comunicação – ECO.

Orientadora: Ieda Tucherman

Coorientadora: Cecília C. B. Cavalcanti

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais, Glória e Rogério, à família, aos amigos e ao conhecimento.

## AGRADECIMENTO

Gostaria de agradecer, primeiramente, à Cecília Cavalcanti, que me incentivou desde o primeiro minuto. Quantas conversas e quantos livros emprestados, quantos e-mails trocados, palavras de incentivo e aprendizado. Foi e é um grande prazer compartilhar essa alegria com você, um ser humano incrível e excelente professora. Obrigada por despertar em mim a busca pelo conhecimento e o prazer no trabalho desde quando nos conhecemos na disciplina “Jornalismo Científico”. Ainda vamos nos esbarrar muito!

À professora Ieda Tucheran, tão admirada desde suas aulas ministradas na disciplina “Teoria da Comunicação II”. Obrigada por acolher esse projeto com carinho, mente e coração abertos! A Escola de Comunicação da UFRJ não seria a mesma sem sua sapiência, que deixa tantos alunos de queixo caído durante as aulas.

Ao meu namorado e melhor amigo, Wendel Lima, pelas conversas intermináveis, suporte, apoio e amor inabaláveis. Não sei como você consegue escutar as mesmas palavras de insegurança e as mesmas loucuras há quase cinco anos, mas que bom que posso contar com você nesses momentos. Você me surpreende todos os dias! Um agradecimento especial aos seus pais e às suas irmãs, família que ganhei de presente!

Aos amigos, únicos, incríveis e engraçados. O que seria de mim sem vocês, as risadas e as andanças por essa vida? Entra aqui nesta lista o Colégio Pedro II, que, mais que me formar como pessoa e cidadã, me deu três lindos presentes: Ana Carolina, Helena Frias e Mariana Schroeter. Irmãs de alma e para a vida toda! Obrigada pelo apoio, meninas! São muitos nomes queridos, mas agradecimentos especiais à Yara, Júlia, Camille, Tais C., Déborah, Thaís C., aos amigos da rádio da UFRJ e ao grupo do Crowdfunding. Vocês me completam e me fazem acreditar nas pessoas e no jornalismo!

Às duas mulheres guerreiras que me guiaram – e batizaram! - no jornalismo e na ciência. Edna Maria Baptista Padrão, minha eterna orientadora do Programa de Vocação Científica da Fiocruz, e Elisa Oswaldo Cruz Marinho, minha eterna e querida primeira chefe, amiga e companheira de hospital (os fortes entenderão!). Vocês são mais que inspiração, vocês são um porto seguro! Obrigada, obrigada e obrigada!

Para fechar com muito amor, aos meus pais, Glória e Rogério Fontanetto, e ao meu irmão, Giovanni, porque sem a base e o apoio de vocês seria bem difícil. Não tenho palavras para descrever o sentimento de agradecimento e o quanto vocês são luz no meu caminho. Obrigada às outras pessoas queridas da família, tia Stella, tia Neneca e tia Mariza, à avó Alyete e aos seres iluminados que tenho o prazer de ter dentro deste círculo. Aos que já foram – mas estão igualmente presentes no coração - e aos que ainda estão por aqui: família é um presente e é uma dádiva.

Deixo aqui meu derradeiro agradecimento a Deus e à vida, por energias tão incríveis terem cruzado o meu caminho e fazerem de mim uma pessoa feliz.

FONTANETTO, Renata Maria Borges Fontanetto. **O grito que vem das ruas: uma análise da cobertura midiática do Jornal Nacional e da Mídia Ninja durante os protestos da Copa das Confederações**. Orientador: Ieda Tucheran. Coorientadora: Cecília C. B. Cavalcanti. Rio de Janeiro, 2014. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. UFRJ.

## **RESUMO**

O trabalho a seguir pretende analisar a relação entre jornalismo tradicional e jornalismo alternativo através das manifestações de junho de 2013, que ficaram conhecidas como Jornadas de Junho. Tendo como foco a cidade do Rio de Janeiro, a metodologia incluiu um fundamento bibliográfico sobre a cultura de redes e as novas lutas globais, bem como uma análise de conteúdo de vídeo sobre a cobertura da mídia durante a Copa das Confederações, realizada entre os dias 15 e 30 de junho no Brasil. A análise é referente à Mídia Ninja (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação), coletivo “midialivrista” que explodiu no calor dos protestos, e o Jornal Nacional da TV Globo, telejornal mais assistido pela população brasileira. Este artigo também pretende contribuir com uma reflexão sobre um novo tipo de jornalismo e modelo de narrativa, protagonizado pela Mídia Ninja, em que se destacam ideais de midialivrisimo, livre fluxo de conhecimento, ativismo hacker e a internet como meio potencializador de oportunidades. Esse jornalismo desafia o jornalismo clássico das redações de jornal, trazendo multiplicidade e criatividade dentro do cenário das novas mídias.

### **Palavras-chave:**

**Jornalismo; midialivrisimo; midiativismo; Jornadas de Junho; hackerativismo**

## **SUMÁRIO**

### **1. INTRODUÇÃO**

### **2. A ESTRUTURA DE UMA CULTURA**

- 2.1. A sociedade rede: liberdade e mobilidade
- 2.2. Uma nova forma de se comunicar?
- 2.3. Jornalismo, novas mídias e convergência tecnológica

### **3. NOVAS LUTAS GLOBAIS: DA INTERNET ÀS RUAS**

- 3.1. Um breve histórico
- 3.2. O ativista, o hacker e o midialivrista
- 3.4. O conhecimento comum e a força mobilizadora das multidões

### **4. 2013: PROTESTOS ANTES E DURANTE**

- 4.1. Jornal Nacional e Mídia NINJA
  - 4.1.1. O jornalismo online e digital de Mark Deuze
  - 4.1.2. Considerações da análise
  - 4.1.3. Análise do Jornal Nacional
  - 4.1.4. Análise da Mídia NINJA
- 4.2. A informação como estratégia
- 4.3. Uma nova forma de se fazer jornalismo?

### **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

### **VI. Referências bibliográficas**

### **VII. Anexos**



## 1. INTRODUÇÃO

A ideia deste trabalho nasce de um questionamento sobre a importância da informação na sociedade atual e do livre acesso ao conhecimento na internet. Influenciado pelas indagações que estão presentes no dia a dia do jornalista, tendo em vista que as redações estão cada vez mais enxutas e as verbas publicitárias estão descendo ladeira abaixo, a ideia é buscar compreender esse cenário de crise tão curioso. Formar-se em jornalismo no Brasil, atualmente, não necessariamente implica estar empregado em uma grande redação: outras alternativas se mostram, ainda mais dentro do cenário da cultura de redes.

Originalmente, o diálogo com a ciência e o livre acesso ao conhecimento na internet eram dois pontos fundamentais para o início do projeto. No entanto, com as manifestações de 2013 no Brasil – que ficaram conhecidas como Jornadas de Junho - observou-se uma leva de novas proposições para o cotidiano da profissão. Uma delas aconteceu na prática, com o surgimento de um coletivo chamado Mídia NINJA (sigla para Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação).

A interface com autores como Antoun & Malini (2010 e 2013) e Manuel Castells (2009 e 2013) ofereceu uma gama de entendimento sobre um assunto que já é investigado há algum tempo por pesquisadores da área da comunicação. As mídias alternativas e “livristas” guardam pontos de identidade com a ação “hackerativista” na internet. Os hackers ultrapassam barreiras e, numa tentativa que beneficia o conhecimento comum, criam códigos para melhorar uma determinada programação e sistema, além de outras atividades. Os “midialivristas”, em um processo de contrainformação, oferecem um leque de novos jeitos de pensar as técnicas e procedimentos, tão vitais para um jornalismo que se reinventa e se questiona.

Acima de tudo, a área da comunicação – e, por consequência, o próprio dever dos jornalistas – é condicionada por técnicas e instrumentos que oferecem possibilidades de narrativas. Pensar e criar são inerentes à profissão, assim como um bom “lead” consegue captar a atenção do leitor (ouvinte ou telespectador) e instigar sua curiosidade e preferência pelo saber. O jornalista revela, descortina, faz aparecer lados “invisíveis” e joga luz sobre fatos pouco comentados e falados.

As Jornadas de Junho foram de suma importância, não somente social e politicamente falando, mas por ter sido um movimento que pôs em evidência a figura do jornalista. Muitos profissionais eram expulsos das manifestações, ainda mais quando

suas imagens e nomes estavam associados a emissoras que foram fortemente criticadas, como a TV Globo. Por outro lado, o surgimento de narrativas “midialivristas” e “mediativistas”, como as da Mídia NINJA, trouxe a oportunidade de pesar os fatos de ambos os lados: o que a imprensa tradicional estava contando e o que a mídia alternativa estava contando? Em quais pontos convergem? E em quais divergem?

Durante as Jornadas, muitos internautas faziam comparações e se lançavam a reflexões sobre o papel do jornalismo que estava sendo praticado naquele momento. Para tentar responder um pouco mais essas perguntas, o trabalho propõe analisar um momento bastante emblemático dos protestos: aquele que compreende a Copa das Confederações, realizada entre 15 e 30 de junho de 2013. A análise em questão abrange os vídeos do Jornal Nacional (JN) (o telejornal da Rede Globo mais assistido pela população brasileira em TV aberta) desse período, referentes ao Rio de Janeiro, e os da Mídia Ninja, também sobre manifestações que aconteceram no Rio.

É importante apontar que os vídeos do JN foram todos coletados no site oficial do telejornal, devidamente arquivados e guardados. Os da NINJA, no entanto, estão espalhados em diferentes canais de streaming (tecnologia utilizada para transmitir ao vivo os acontecimentos das ruas). Buscou-se em todos eles os vídeos das transmissões, mas foram encontrados registros que somente remontam a episódios a partir do dia 27 de junho.

Em contato com integrantes da Mídia NINJA, descobriu-se que a conta que continha o período que a análise deste trabalho compreende foi *hackeada*. Sendo assim, em comparação aos vídeos do Jornal Nacional, os da NINJA estão em menor quantidade. Mas acredita-se que, mais importante que apresentar a análise dia após dia de ambos, a diferença entre os conteúdos analisados fica clara por serem abordagens de coberturas distintas, com procedimentos e visões que os caracterizam. Isso, por si só, já é rico de ser comparado.

Cabe dizer que o modelo de cobertura da NINJA se baseou muito mais em uma estrutura horizontal do que vertical, com atores diversos e plurais divulgando informações de uma ponta à outra, numa lógica de rede (assunto que ganha destaque especial dentro do primeiro capítulo). Isso se viu na internet e também nas ruas. Quem foi às manifestações ou presenciou o fenômeno na rede, sabe identificar que o movimento, antes de tudo, foi múltiplo e complexo.

Ao longo dos protestos, com a infinidade de acontecimentos que iam surgindo, muitas pessoas se mobilizaram para contar o que estava acontecendo, inclusive para

alertar amigos e parentes sobre a situação em algumas ruas da cidade. Esse mapa colaborativo revela muitos nós, sendo cada um deles representado por uma pessoa na rede. A sociedade estava mais envolvida com o processo de assimilar as notícias sobre as manifestações e, ao mesmo tempo, atenta para fatos menos ou sequer noticiados. Esse clima propiciou uma atuação colaborativa por parte dos cidadãos, que se manifestavam em diversos canais. Talvez o termo certo seja jornalismo colaborativo, como se cada nó da grande rede de pessoas possa ser um potencial construtor de fatos e versões.

Ao longo do trabalho, foi feita uma pesquisa bibliográfica, que, de acordo com o capítulo, se relaciona com um tema específico que será trabalhado e explorado. O objetivo é procurar entender, com o surgimento da internet e da cena propícia de novas tecnologias, como o jornalismo é influenciado por esse conjunto de fatores. As referências pautaram um caminho mais sólido para a análise de conteúdo dos vídeos, servindo como base teórica e de compreensão para o contexto em que os tipos de jornalismo analisados estão inseridos.

No primeiro capítulo, “A estrutura de uma cultura”, a apresentação da cultura digital, suas raízes e os caminhos aos quais ela leva são vistos com mais profundidade. Da primeira Revolução Industrial ao surgimento dos microprocessadores, que revelaram um novo mundo para a informática moderna, da liberação da internet às redes sociais: esses pontos são abordados para mostrar que a lógica da cultura das redes é trabalhada em cima de ideais de liberdade e colaboração. Não há, também, como não pontuar as novas práticas de jornalismo, em plena adaptação frente às novas mídias. Autores como Pierre Levy, Asa Briggs e Peter Burke, Manuel Castells, Raul Reis e Steven Johnson serviram de ponto de partida para este capítulo.

No segundo, “Novas lutas globais: da internet às ruas”, pretende-se fazer um apanhado histórico e sucinto sobre o contexto de movimentos sociais inseridos dentro da lógica da rede e impulsionados pela internet. Em muitos deles, como no caso do Movimento dos Indignados (ou 15M, 2011), na Espanha, houve transmissões ao vivo de acontecimentos, prática similar à Mídia NINJA, embora não se tenha observado o surgimento de um coletivo de jornalismo como aqui no Brasil. O mundo presenciou uma série de manifestações em diversos países, entre eles Egito, Síria, Estados Unidos e Tunísia, todos devidamente estudados para o avanço deste trabalho. Os autores que aqui se encaixam são: Manuel Castells, Sérgio Amadeu, Gabriel Tarde, Antônio Negri e

Michael Hardt, Marshall McLuhan, além de outros que participaram de obras organizadas, as quais renderam excelentes reflexões.

Já no terceiro capítulo, estas mesmas obras organizadas contribuíram para o entendimento do que originou as Jornadas de Junho, quando a reivindicação por tarifas justas de transporte público já apareciam na pauta de protestos muito antes de 2013. Essa abordagem histórica mostra uma evolução da inserção dos movimentos dentro da internet, com uma crescente influência das redes sociais a partir do ano de 2011. Nesta etapa do trabalho, pontuam-se, também, as características de cada parte da análise, tanto do lado do Jornal Nacional como da Mídia NINJA. Por meio da perspectiva teórica do estudioso da cultura digital Mark Deuze, os diferentes tipos de jornalismo online são considerados, trazendo para o debate uma visão interessante sobre a relação entre conteúdo editorial e participação do público.

Em seguida, dá-se início à análise de conteúdo dos vídeos, respeitando o que foi noticiado por cada um e observando a prática seguida por ambos. Enquanto, de um lado, há a versão de um jornal que pouco interagiu com o público e dava preferência para coberturas em helicópteros, do outro, vê-se uma proximidade maior, com acesso a fontes variadas no meio da multidão e no calor do momento, correndo atrás quando necessário e sempre no “olho do furacão”. O período analisado oferece apenas uma pequena visão de todo o movimento. A verdadeira intenção deste trabalho é contribuir, minimamente que seja, para o debate sobre o futuro da profissão, sem recorrer a juízos de valor. Em um cenário ainda incerto, mergulhar nas imagens divulgadas pelos dois atores mostra que não houve neutralidade em nenhum dos lados, mas, sim, escolha de direcionamento.

Durante a pesquisa bibliográfica e a análise de vídeos, buscou-se arquivar todo e qualquer tipo de informação, referente às manifestações da Copa das Confederações no Rio de Janeiro, que houvesse sido divulgada pelo Jornal Nacional e a Mídia NINJA (ainda mais neste último, já que muitos vídeos não constam do acervo deles). Entraram na pesquisa posts de Facebook e Twitter que ajudaram a identificar traços do perfil da Mídia NINJA e valores defendidos por ela (inclusive, aqui, o direito à informação livre e às diferentes formas de “midialivrisimo”, observados nas postagens e nas conversas durante as transmissões). As informações coletadas foram distribuídas em links e em anexos neste trabalho: um pequeno acervo para futuros projetos que queiram investigar e continuar no debate.

No livro “A vaquinha não foi pro brejo: como o financiamento coletivo pode ajudar o jornalismo”<sup>1</sup>, a jornalista Marcela Donini reúne um vasto arsenal de informações sobre o *crowdfunding*<sup>2</sup> no mundo e no Brasil, além de citar projetos criados exclusivamente para a área de jornalismo. Em determinado momento, Marcela diz que muitos jornalistas e profissionais da comunicação já disseram que “a crise não é do jornalismo, mas, sim, do modelo tradicional de negócios”. Há que se concordar que sim: não importa o suporte, se em papel, por TV ou em canal digital, o produto do jornalismo é a notícia, o conteúdo e a informação que desafia o senso comum, provoca reflexão e acrescenta qualidade e boas histórias ao debate. O futuro do jornalismo como se conhece está sendo redesenhado, cabe a estudantes, professores e profissionais da área, de um modo geral, pensar a questão, avaliar e contribuir.

---

<sup>1</sup> Disponível em: [https://crowdfunding\\_no\\_jorn.creatavist.com/story/8825](https://crowdfunding_no_jorn.creatavist.com/story/8825). Último acesso em: 10 de outubro de 2014.

<sup>2</sup> O crowdfunding é um tipo de financiamento coletivo. Marcela, inclusive, diferencia os dois ao dizer que financiamento coletivo pode incluir doações sem necessariamente ser uma campanha de crowdfunding. Já o crowdfunding, segundo ela, é toda ação feita em sites desse tipo de financiamento coletivo que pede a doação de pessoas para uma determinada causa e trabalho. O financiamento coletivo tem sido apontado como uma variável para um futuro modelo de negócios alternativo do jornalismo.

## 2. A ESTRUTURA DE UMA CULTURA

Falar sobre o que remete à cultura de redes e à sociedade da informação hoje em dia revela detalhes da história dos séculos XVIII, XIX e XX sobre a modernização da sociedade e das cidades em termos tecnológicos. Historicamente, a industrialização foi uma grande propulsora de eventos, descobertas e inovações.

Esse contexto é abordado em “Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet” (2004), no qual Asa Briggs e Peter Burke discorrem sobre a transformação do conceito de informação através do tempo. Conforme a sociedade passava por mudanças estruturais e sociais, o mesmo acontecia com o significado da palavra, que foi influenciado pelo aparecimento de novas tecnologias.

Além disso, os autores oferecem uma visão interessante sobre a “tríade sagrada” do século XX: informação, educação e entretenimento. Conforme eles apontam: a informação já tinha grande destaque em círculos políticos do século XVII, “mas foi ressaltada ainda mais na sociedade comercial e industrial do século XIX, quando as noções de velocidade e distância sofreram transformações” (p. 188).

A industrialização trouxe uma perspectiva nova ao homem, já que o trabalho, antes manual e artesanal, adquiriu uma nova dinâmica com a entrada de máquinas no campo de produção. A mecanização do sistema produtivo é um momento único e vasto da história mundial, marcado por três Revoluções Industriais<sup>3</sup>.

Com a rotina dentro de fábricas e a mudança da relação entre o ser humano e sua força de trabalho e entre campo/centro urbano, veio a luta por direitos. Direito à vida, direito à propriedade, direito a condições justas de emprego, direito à remuneração e descanso, entre outras reivindicações. Aos poucos, o dia a dia da sociedade se estabelecia conforme a mudança de rotina (casa, trabalho e lazer).

Enquanto demandava circulação de informação mais substancial e confiável, tanto por motivos financeiros quanto para o controle de processos industriais, a industrialização também precisava, a longo prazo, de um acesso público mais amplo à educação, começando com

---

<sup>3</sup> As três Revoluções Industriais são conhecidas por indicarem uma mudança abrupta nos modelos de produção. A primeira (1750), iniciada na Inglaterra, tem como marco a invenção da máquina a vapor, que propiciou a mecanização das atividades agrícolas no campo, o aumento da oferta de emprego e a expansão de centros urbanos. A segunda (1850), marcada por forte avanço tecnológico, é o desdobramento da primeira fase da revolução, com uma explosão de inventos capazes de dinamizar a vida do homem (grande avanço das indústrias química, elétrica, de transporte, bens de consumo, entre outras). Já a terceira fase da revolução, também chamada de Revolução Tecnocientífica, se desenvolve nos primórdios do século XX. Com a primeira guerra mundial, o mundo assistiu a um avanço espetacular da ciência, que, aliada à industrialização, alavancou diversos setores da economia, modificou a esteira de produção dentro das fábricas, gerou impactos no setor das telecomunicações e, ainda, abriu caminhos para a computação.

a escola, cuja frequência, se tornou compulsória na Grã-Bretanha, em 1800, e na França, com ensino totalmente laico, em 1882 (a Prússia já havia tomado esse caminho no século XVIII). A instrução de massa era agora julgada essencial, assim como a educação continuada e o aprendizado da computação se tornaram imprescindíveis nas últimas décadas do século XX. (BRIGGS & BURKE, 2004, p. 189)

A informação sempre esteve presente no dia a dia de uma sociedade cada vez mais tecnológica e dependente de máquinas que fizessem conexões entre pessoas, aproximassem culturas, ajudassem e agilizassem o trabalho industrial e que, por vezes, passaram a substituir o homem em seu trabalho.

A circulação de informação com as novas tecnologias recai no debate sobre a importância da imprensa nas sociedades modernas. A tríade sagrada apontada pelos autores adquire novos e fluidos significados – com fronteiras menos rígidas entre si – com o jornal que informava, divertia e seduzia um público com variedades de notícias e atualizações.

É certo que a questão do jornal como ferramenta educativa sempre foi um ponto de polêmica, já que muitos simplesmente ofereciam – e de forma crescente – fofocas, crimes e notícias sensacionalistas.<sup>4</sup> Mas os jornais tiveram sua importância, sim, junto à classe trabalhadora, junto à sociedade que se industrializou e que passou a lutar por seus direitos.

Vemos em Gabriel Tarde (2005) que, com o surgimento da imprensa, no século XVI, “o transporte da força a distância não é nada comparado a esse transporte do pensamento a distância” (p. 10). Os jornais distribuíram “atualidade para o mundo”, pautou o homem moderno em sua gradual evolução.

Longe de fornecer um panorama sobre a história da imprensa e sua relação com a sociedade, é importante salientar a evolução de ambas em um processo histórico. E isso se deu porque as ações ganharam novos pesos: o pensar, o fazer, o ir e vir, o reivindicar, o trabalhar, entre tantas outras.

A expansão da tecnologia na sociedade desvendou rumos diferentes a cada dia e abriu caminhos alternativos para o homem. E, desde então, essa expansão vem acontecendo todos os dias, tanto no mundo físico quanto na mente das pessoas. A

---

<sup>4</sup> Briggs e Burke atentam para o surgimento de novos proprietários empreendedores na segunda metade do século XIX. Alguns deles, como William Randolph Hearst (1863-1951) e E. W. Scripps (1854-1926) foram donos de imensos conglomerados de comunicação. A história de vida de Hearst fez o diretor de cinema Orwon Welles produzir o filme Cidadão Kane (1941), que conta a história de um menino pobre que acaba virando um magnata do jornalismo. Os conteúdos produzidos pelos veículos de Hearst eram tidos como “imprensa marrom”, que se refere a uma prática da profissão sem escrúpulos, sensacionalista, às vezes sem uma conduta ética.

diferença é que isso acontece numa velocidade absurdamente maior e num fluxo informacional que foge ao controle humano.

A esse ponto, a sociedade já não era e não é mais a mesma: vive-se na era da informação, ou economia da informação. Como Briggs e Burke esclarecem, esse momento está situado no século XX, quando da abundância eletrônica e de suportes de comunicação.

Citado por muitos autores que exploram o avanço tecnológico observado ao longo daquele século, McLuhan (1964) já havia desvelado uma compreensão sobre a noção deste “hoje” informacional que a sociedade ainda respira. Ele disse: “Nesta era da eletricidade, vemo-nos cada vez mais sendo traduzidos na forma da informação, movendo-nos em direção à extensão tecnológica da consciência” (p. 69)<sup>5</sup>.

Essa consciência tecnológica foi condicionada pelo surgimento do microcomputador e da internet. As novas tecnologias também possibilitaram o aparecimento da tecnologia do conhecimento, tratada em Briggs e Burke como a chave para um novo modelo de educação. Era preciso capacitar e oferecer às pessoas condições de manuseio, compreensão, análise e reformulação desse universo em expansão.

Não há como falar sobre a história do computador e da abertura da internet para o mundo sem simplificar. A *timeline* de eventos é pretensiosa e marcada por múltiplas invenções, mas há um momento particular dessa história que deu início ao fenômeno da cultura de redes e da sociedade na era da informação.

Numa volta ao passado, mais exatamente no final da década de 70, houve um marco expressivo com a popularização do *Personal Computer* (PC). Até então, o computador, lendária máquina de cartões perfurados, com telas cheias de zeros e uns e interfaces pouco convidativas, era destinado a uma parcela da população que sabia utilizá-lo, geralmente para funções mais matemáticas e racionais.

Com o advento do PC, novas pessoas entraram para o mundo da informática, mais especificamente o da microinformática. O mundo se abriu para uma era na qual era possível imaginar aquela máquina intrigante fazendo textos, distribuindo mensagens, se relacionando de uma forma mais inteligente com seu usuário, que muitas vezes era leigo.

---

<sup>5</sup> Tradução da autora: “In this electric age we see ourselves being translated more and more into the form of information, moving toward the technological extension of consciousness.”



Manuel Castells (2009) explica que a mudança tecnológica que liberou toda a verdadeira potência das redes foi “a transformação das tecnologias de informação e da comunicação, baseada na revolução da microeletrônica, que aconteceu nas décadas de 1950 e 1960” (p. 49). Isso criou uma base para “um novo paradigma tecnológico”, que se consolidaria nos anos setenta, primeiros nos Estados Unidos e, posteriormente, no mundo todo<sup>6</sup> (Ibidem, p. 49).

O filósofo francês Pierre Lévy (1999), estudioso sobre o ciberespaço e a cibercultura, aborda e põe em discussão as interações, ferramentas, qualidades, “defeitos” e efeitos dessa esfera. Como explica o autor, o uso do computador disseminou-se nos anos 60, mas o processo ao qual chama de virtualização da informação e da comunicação veio de maneira imprevisível.

Já nessa época [1960] era previsível que o desempenho do hardware aumentaria constantemente. Mas que haveria um movimento geral de virtualização da informação e da comunicação afetando profundamente os dados elementares da vida social, ninguém, com a exceção de alguns visionários, poderia prever naquele momento. (...) A virada fundamental data, talvez, dos anos 70. O desenvolvimento e a comercialização do microprocessador (unidade de cálculo aritmético e lógico localizada em um pequeno chip eletrônico) dispararam diversos processos econômicos e sociais de grande amplitude. (LÉVY, 1999, p. 31)

Na contramão desses acontecimentos, surgia “um verdadeiro movimento social, nascido na Califórnia na efervescência da contracultura”, que “apossou-se das novas possibilidades técnicas e inventou o computador pessoal” (Ibidem, p. 31). Nas décadas de 80 e 90, as tecnologias se firmaram como a infraestrutura do ciberespaço, ao qual Lévy se refere como sendo um “novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento” (p. 32).

Como a velocidade sempre foi característica inerente aos efeitos de novas tecnologias (a praticidade do telefone, a revolução dos chips que possibilitaram a miniaturização dos computadores e os deixaram mais rápidos, a física dos semicondutores, entre inúmeros outros fatores), o ir e vir da sociedade sofreu – e ainda sofre – interferência dessa condição. E aqui podemos falar em mobilidade, palavra que, na cibercultura, ganha muita importância.

---

<sup>6</sup> Tradução da autora: “El cambio tecnológico que liberó todas las potencialidades de las redes fue la transformación de las tecnologías de la información y la comunicación, basada en la revolución de la microeletrónica que tuvo lugar en las décadas de 1950 y 1960.”

Quando vista sob a ótica das novas tecnologias, a mobilidade cresce quando o computador sai da sala fechada e ganha as mãos de seus usuários. A tecnologia atinge lugares e conquista territórios quando ela consegue ser operada por um público que se beneficia com a redução de peso, tamanho, preço e aumento da qualidade do hardware<sup>7</sup> e software<sup>8</sup> de produtos tecnológicos, cada dia mais atraentes e vantajosos.

O microcomputador de ontem já não é mais o microcomputador de hoje, que já ganhou versões mais modernas com *notebooks*, *netbooks*, *tablets* e celulares. A tela foi diminuindo, mas a inteligência interna do aparelho não para de surpreender até mesmo as mentes mais ávidas por tecnologia. Qual será o atributo de amanhã, sequer pensado por cientistas e/ou empresários, que, num passe de mágica, ganha o mundo e reinventa interações, a comunicação, o manuseio e hábitos que já estavam estabelecidos?

## 2.1 A sociedade rede: liberdade e mobilidade

De 1970 para cá, o mundo vivenciou uma explosão de novas tecnologias. A “descoberta” da internet pelo público leigo, que não participava dos círculos militares e nem tinha acesso a laboratórios acadêmicos, deu ao homem a chave para um mundo em suspensão – nas “nuvens” - que, até hoje, está entre as pessoas da maneira mais entranhada possível: a rede.

Mas o que seria essa rede? Lévy (1999) oferece duas breves descrições: o ciberespaço – ou rede – “é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ele abriga (...)” (p. 17).

Além disso, o autor também descreve o neologismo cibercultura, que especifica o “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (Ibidem, p. 17).

Steven Johnson (1997), por sua vez, mapeia esse mesmo sintoma das redes e toma a internet como o marco de uma revolução, que, conseqüentemente, traz um lado bom e outro ruim:

---

<sup>7</sup> Segundo o dicionário Priberam da língua portuguesa, é o material físico de um computador.

<sup>8</sup> De acordo com o mesmo dicionário, é o “conjunto de programas, processos, regras e, eventualmente, documentação, relativos ao funcionamento de um conjunto de tratamento de informação.”

O automóvel criou as clausuras dos condomínios fechados; o telefone e a televisão nos mantêm firmemente plantados nos nossos espaços domésticos, até no cinema a vida pública se desenrola sob um voto de silêncio. A última revolução tecnológica de vulto que aproximou estranhos foi o descaroçador de algodão e seus descendentes industriais, que transferiram milhões de trabalhadores da esparsamente povoada zona rural da Europa e do leste dos Estados Unidos e os apinhou nos cortiços e nas linhas de montagem de cidades fabris como Manchester e Lowell. A internet está permitindo novamente que estranhos interajam, embora desta vez sem a violência e a labuta da Revolução Industrial. (JOHNSON, 1997, p. 51)

Diferentemente do autor, a violência tem influenciado o discurso de muitos grupos cibernéticos, como tem sido visto em manifestações sociais ao redor do mundo. Ressalta-se que, ao contrário de uma violência causada por condições de trabalho, a ciberviolência foi sendo gerada por questões político-sociais, como veremos mais adiante no trabalho. Mas já é importante esclarecer que a violência está, sim, entre as interações de pessoas que se interconectam na rede.

Os discursos do ódio, da intolerância e da violência ganham ainda mais força no ciberespaço, porque é ali que diferentes pessoas conseguem se unir em distância, tomando como norte o mesmo tipo de pensamento. Como exemplo recente, a discussão em torno da justiça feita pelas próprias mãos, originada com o caso do menino preso pelo pescoço<sup>9</sup> - ação de um grupo que se intitula “justiceiros” - a um poste com um cadeado em U, no Flamengo, zona sul do Rio de Janeiro.

Voltando ao pensamento de Steven Johnson, suas ideias mostram o quanto a internet reuniu as pessoas em um mesmo ambiente, conectando-as umas às outras. Depois de tantas revoluções ao longo da história, originadas por invenções e descobertas, a internet abriu, sem precedentes, muitas portas para o mundo, que, virtualmente, ficou pequeno (e, o melhor, ao alcance das mãos).

Traçando um paralelo com o livro “Cibercultura”, Lévy (1999) suscita um ponto de vista bastante completo sobre o que rodeia e invade o homem dentro da realidade das telecomunicações, que propiciou a expansão da rede a outros objetos móveis, como celulares e tablets, potencializada por novas formas de conexão à internet:

As telecomunicações geram esse novo dilúvio por conta da natureza exponencial, explosiva e caótica de seu crescimento. A quantidade bruta de dados disponíveis se multiplica e se acelera. A densidade dos links entre as informações aumenta vertiginosamente nos bancos de dados, nos hipertextos e nas redes. É o transbordamento caótico das

---

<sup>9</sup> Disponível em: <http://extra.globo.com/noticias/rio/adolescente-atacado-por-grupo-de-justiceiros-presos-um-poste-por-uma-trava-de-bicicleta-no-flamengo-11485258.html>. Acessado em: 15 de junho de 2014.

informações, a inundação de dados, as águas tumultuosas e os turbilhões da comunicação, a cacofonia e o psitacismo ensurdecedor das mídias, a guerra das imagens, as propagandas e as contrapropagandas, a confusão dos espíritos. (LÉVY, 1999, p. 94)

Atualmente, basta um celular ficar habilitado a uma rede (2G<sup>10</sup>, 3G<sup>11</sup>, 4G<sup>12</sup> e Wi-Fi<sup>13</sup>) que ele está apto à navegação. Salvo as ocasiões que o proprietário ou usuário do aparelho precisa se identificar através de um cadastro para obter acesso a uma rede (internet de pontos comerciais, por exemplo) ou digitar uma chave de segurança em casos de redes privadas, a tecnologia móvel ganhou mais autonomia, liberdade e novos espaços.

Atualmente, o Brasil é o quarto país com maior número de acessos móveis no mundo, atrás de China, Índia e Estados Unidos, consecutivamente. Os dados são da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) e Wikipedia<sup>14</sup>. Os números são assombrosos porque a população brasileira, de acordo com o último Censo de 2012, está em 198,7 milhões de habitantes. Ao todo, o país encerrou 2013<sup>15</sup> com 271 milhões de celulares com linhas ativas, ou seja, um número maior que o de pessoas residentes no país.

Embora esses números indiquem maior mobilidade e comunicação individual, não necessariamente eles estão atrelados a uma maior conexão, como indica a porcentagem da população brasileira com acesso à internet, seja qual for o dispositivo. Com dados de 2013, reunidos pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic.br)<sup>16</sup>, o Brasil, pela primeira vez, ultrapassou mais da metade da população com acesso à internet: 85,9 milhões de usuários, o que representa 51% da população brasileira, frente aos 49% de 2012.

Embora as duas perspectivas mostrem certa contradição, o número de brasileiros com acesso à internet vem crescendo ao longo dos anos. Esse ritmo tende a continuar e

---

<sup>10</sup> Internet móvel rápida de segunda geração, a mais fraca nos quesitos rapidez e velocidade. O sinal dessas redes vem de torres de companhias telefônicas. No caso do Brasil, as quatro maiores são Vivo, Tim, Oi e Claro.

<sup>11</sup> Internet móvel rápida de terceira geração.

<sup>12</sup> Internet móvel rápida de quarta geração.

<sup>13</sup> Internet provida por um sistema de rede sem fio. Ela pode ser privada, o que requer uma senha de acesso, ou pode ser pública, como um ponto de acesso *hotspot*. Para se conectar, o aparelho móvel precisa estar configurado para detectar redes de internet em uma determinada localidade.

<sup>14</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista\\_de\\_pa%C3%ADses\\_por\\_n%C3%BAmero\\_de\\_celulares\\_em\\_uso#cite\\_note-6](http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_pa%C3%ADses_por_n%C3%BAmero_de_celulares_em_uso#cite_note-6). Acessado em: 15 de junho de 2014.

<sup>15</sup> Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,anatel-brasil-termina-2013-com-271-milhoes-de-celulares,176388e>. Acessado em: 15 de junho de 2014.

<sup>16</sup> Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/numero-de-internautas-no-brasil-alcanca-percentual-inedito-mas-acesso-ainda-concentrado-13027120>. Acessado em: 1 de julho de 2014.

mostra uma tendência global, que caracteriza a chamada “sociedade rede”. Segundo Manuel Castells, esse termo pode ser definido como:

Uma sociedade rede é aquela cuja estrutura social está composta de redes ativadas por tecnologias digitais da comunicação e informação baseadas na microeletrônica. Entendo por estrutura social aqueles acordos organizativos humanos na relação com a produção, consumo, reprodução, experiência e poder expressados mediante uma comunicação significativa codificada pela cultura. (CASTELLS, 2009, p. 50-51)<sup>17</sup>

Ele ainda explica que a sociedade rede é uma sociedade global (p. 51). Não são todas as pessoas que participam das redes, mas uma parcela grande da população mundial é afetada pelos processos que ocorrem nas redes globais dessa estrutura social. Cabe aqui explicar que uma rede global carrega esse adjetivo por ir além das barreiras físicas, por não ter as amarras que os limites geográficos impõem.

## 2.2 Uma nova forma de se comunicar?

É natural a discussão sobre a configuração da comunicação pós-internet e dispositivos móveis. Sobre esse tópico, Manuel Castells (2009) é brilhante ao esclarecer e denominar o momento atual, ao qual chama de ‘autocomunicación de masas’ (autocomunicação de massas, numa tradução livre).

Essa comunicação interativa, como vemos no autor, é caracterizada pela capacidade de enviar mensagens de muitos a muitos, em tempo real ou em um momento concreto (p. 88). Diferentemente da interação um-muitos, quando uma informação é divulgada por um receptor para um grande público, a comunicação muitos-muitos, comum no ambiente rede, parte de qualquer ponto da rede, ou seja, todos são receptores e emissores ao mesmo tempo.

É comunicação de massas porque potencialmente pode chegar a uma audiência global, como quando se faz upload de um vídeo no YouTube, quando se tem um blog com links RSS para uma série de sites ou uma mensagem direcionada para uma lista enorme de e-mails. Ao mesmo tempo, é autocomunicação porque uma pessoa gera a mensagem, define os possíveis receptores e seleciona as mensagens concretas ou conteúdos da web e das redes de comunicação eletrônica que quer recuperar. As três formas de comunicação (interpessoal, comunicação de massas e autocomunicação de massas) coexistem,

---

<sup>17</sup> Tradução da autora: “Una sociedad red es aquella cuya estructura social está compuesta de redes activadas por tecnologías digitales de la comunicación y la información basadas en la microelectrónica. Entiendo por estructura social aquellos acuerdos organizativos humanos en relación con la producción, el consumo, la reproducción, la experiencia y el poder expresados mediante una comunicación significativa codificada por la cultura.”

interagem e, mais que se substituir, complementam-se entre si. O que é historicamente novo e tem enormes consequências para a organização social e a mudança cultural é a articulação de todas as formas de comunicação em um hipertexto digital, interativo e completo que integra, mistura e recombina em sua diversidade o leque amplo de expressões culturais produzidas pela interação humana. (CASTELLS, 2009, p. 88)<sup>18</sup>

Cabe aqui pontuar alguns pontos importantes da visão de Castells sobre essa configuração no campo da comunicação. Ele delimita tudo o que passa dentro da concepção de ‘autocomunicação de massas’ para, depois, explicar qual público tem se destacado no ápice dessa nova configuração: a audiência criativa.

Voltando aos detalhes da primeira expressão, o autor deixa claro que esse momento é fluido e reconfigurável, justamente pela infinidade de novas oportunidades midiáticas – dentro do ambiente em rede, majoritariamente. Ele expõe que a internet e as mídias digitais transformaram o processo de produção de jornais e demais meios de comunicação de massa.

É correto pensar que as redações têm, sim, pensando em um horizonte alternativo, principalmente aquelas que apostam no conteúdo online. A realidade das redações ainda é um problema que passa por análises e remodelações. Não se cria um modelo de negócios sustentável da noite para o dia. Afinal, os jornais não querem perder seu público, mas conquistar novos públicos, reconquistar o antigo e investirem em novos caminhos para mantê-los.

Na internet, o livre fluxo de informações é constante. Nesse sentido, Castells aponta que a combinação de notícias online, com postagens de blog e *feeds* de RSS<sup>19</sup> transformaram os jornais “em um elemento de comunicação diferente: a autocomunicação de massas.”

Essa forma de comunicação surgiu com o desenvolvimento das chamadas web 2.0 e web 3.0, ou o grupo de tecnologias, dispositivos e aplicações que sustentam a proliferação de espaços sociais na internet graças à maior capacidade da banda larga, ao revolucionário software

---

<sup>18</sup> Tradução da autora: “Es comunicación de masas porque potencialmente puede llegar a una audiencia global, como cuando se cuelga un vídeo en YouTube, un blog con enlaces RSS a una serie de webs o un mensaje a una lista enorme de direcciones de correo electrónico. Al mismo tiempo, es autocomunicación porque uno mismo genera el mensaje, define los posibles receptores y selecciona los mensajes concretos o los contenidos de la web y de las redes de comunicación electrónica que quiere recuperar. Las tres formas de comunicación (interpersonal, comunicación de masas y autocomunicación de masas) coexisten, interactúan y, más que sustituirse, se complementan entre sí. Lo que es históricamente novedoso y tiene enormes consecuencias para la organización social y el cambio cultural es la articulación de todas las formas de comunicación en un hipertexto digital, interactivo y completo que integra, mezcla y recombina en su diversidad el amplio abanico de expresiones culturales producidas por la interacción humana.”

<sup>19</sup> O sistema RSS permite que um usuário receba as atualizações de um site de notícias sem necessariamente ter que acessá-lo. Ele pode receber todas as postagens novas por e-mail, por exemplo.

de código aberto e à melhor qualidade de gráficos e interfaces, incluindo a interação de avatares em espaços virtuais tridimensionais (CASTELLS, 2009, p. 101)<sup>20</sup>

As webs 2.0 e 3.0 são as gerações da World Wide Web<sup>21</sup>. A primeira expressão foi popularizada nos anos 2000, quando o ambiente em rede já contava com uma quantidade de informação maciça. Nela, os usuários também eram colaboradores da organização de conteúdo na web – por exemplo, o Wikipedia<sup>22</sup>, site criado com o intuito de gerar uma enciclopédia online, de forma que os internautas pudessem ser emissores de informação compartilhada e colaborativa. Na web 2.0, os sites de relacionamento e de busca também dinamizam a relação do usuário com a rede, oferecendo um leque de oportunidades, entretenimento e engajamento.

Já a web 3.0 diz respeito à parte mais avançada da internet, que foi a geração de sistemas inteligentes de relacionamento com o usuário da rede. Entra em cena o mapeamento do perfil do internauta: onde ele clica, o que ele mais compartilha, qual sites mais gosta de acompanhar, entre outros. Todas essas informações são preciosas para empresas que desejam, cada vez mais, apostar certeira na identidade de seu público, mapeando suas preferências, de forma individualizada.

Com essa rede pulsante, é mais que possível trabalhar com a ideia do usuário que participa ativamente, colabora com conteúdo, refaz interfaces, se direciona de acordo com seu gosto: na internet, ele encontra o que procura, disponibiliza o que deseja e ainda consegue engajar outros internautas que compartilham da mesma visão. Isso é o que caracteriza a ideia trabalhada por Castells:

É comunicação de massas porque chega a uma audiência potencialmente global através das redes P2P e da conexão à internet. É multimodal porque a digitalização do conteúdo e o software social avançado, baseado frequentemente em programas de código aberto que podem ser baixados gratuitamente, permitem a mudança de formato de quase qualquer conteúdo em praticamente qualquer forma, distribuindo cada vez mais através das redes sem fio. Além disso, seu conteúdo está autogerado, sua emissão, autodirigida, e sua recepção,

---

<sup>20</sup> Tradução da autora: “Esta forma de comunicación ha surgido con el desarrollo de las llamadas Web 2.0 y Web 3.0, o el grupo de tecnologías, dispositivos y aplicaciones que sustentan la proliferación de espacios sociales en Internet gracias a la mayor capacidad de la banda ancha, el revolucionario software de código abierto y la mejor calidad de los gráficos y el interfaz, incluyendo la interacción de avatares en espacios virtuales tridimensionales.”

<sup>21</sup> Pode ser traduzido como Rede Mundial de Grande Alcance. É quando diversos conteúdos (sites, imagens, textos, vídeos, e-mails etc.) podem ser operados, executados e acessados via internet.

<sup>22</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/>. Acessado em: 25 de junho de 2014.

autosseleccionada por todos aqueles que se comunicam. (CASTELLS, 2009, p. 108)<sup>23</sup>

Aqui ele se apoia na explicação da existência de características inerentes à comunicação de massas que existem na autocomunicação de massas. O prefixo “auto-” acaba por atribuir a noção de próprio, de si. Ou seja, é a rede, a massa, o público que se faz visível nesses novos canais tecnológicos e que tem o potencial de fazer com que sua mensagem alcance um número surpreendente de pessoas.

Se esse público está agindo por conta própria, então ele está desafiando formas e modelos, até então, vigentes. O “desafiar” deste contexto é justamente a capacidade, a liberdade e a autonomia que esses usuários dispõem para agir. Para Castells, esse público com tais características é o que ele chama de audiência criativa, “fonte da cultura de remixagem que caracteriza o mundo da autocomunicação de massas” (Ibidem, p. 184).

Como o emissor-receptor da autocomunicação de massas tem que “interpretar as mensagens que recebe de distintos modos de comunicação e de múltiplos canais, integrando seu próprio código na interação (...)” (Ibidem, p. 184), isso indica o surgimento da produção interativa de significados.

A análise dos conteúdos distribuídos em rede por essa audiência criativa se torna ainda mais complexa por se tratar de um momento formado por diferentes alternativas comunicacionais, intermodalidade, flexibilidade e mobilidade. Como essa convergência de meios e de valores se constrói e se apresenta no mundo virtual?

### **2.3 Jornalismo, novas mídias e convergência tecnológica**

O atual momento dos sistemas de comunicação é de cautela. Ao mesmo tempo em que as novas tecnologias propiciaram um avanço sem igual para a mídia, o setor sentiu um impacto forte em seus modelos de produção e negócio. O jornalismo passa por renovações e aposta em novos formatos, sempre olhando com cuidado para o presente e traçando rotas alternativas para o futuro.

---

<sup>23</sup> Tradução da autora: “Es comunicación de masas porque llega a una audiencia potencialmente global a través de las redes P2P y de la conexión a Internet. Es multimodal porque la digitalización del contenido y el software social avanzado, basado frecuentemente en programas de código abierto que se pueden descargar gratuitamente, permiten el cambio de formato de casi cualquier contenido en prácticamente casi cualquier forma, distribuyendo cada vez más a través de redes inalámbricas. Además, su contenido está autogenerado, su emisión autodirigida y su recepción autoseleccionada por todos aquellos que se comunican.”



Estudiosos sobre essa conjuntura se dividem entre ceticismo e esperança. Mas muitos jornalistas e comunicólogos veem uma oportunidade única com as novas mídias, acreditam na renovação da área e numa adaptação dos profissionais frente aos novos tempos. Como exemplo, diversos congressos da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), em 2013, tiveram como tema “Comunicação em tempos de redes sociais: afetos, emoções e subjetividades”, que se tornou um livro.

Raul Reis, decano da Escola de Jornalismo e Comunicação Social da Universidade Internacional da Flórida (FIU, na sigla em inglês), em um artigo sobre o tema (2013), aponta que, apesar das ameaças, oportunidades existem. Para ele, “as mudanças tecnológicas tem o potencial de, verdadeiramente, democratizar o acesso à informação. Elas também prometem a diversificação das fontes de informação e entretenimento (...)” (p. 67).

Para esclarecer, ele indica que há tendências que já podem vir a definir o futuro do jornalismo, como a adoção e difusão de novas tecnologias, o uso de redes sociais no jornalismo, a explosão de *crowdsourcing* e jornalismo colaborativo, a hiperlocalidade e o jornalismo de nicho e a necessidade de empreendedorismo. Reis afirma que essas práticas só serão bem sucedidas se o profissional trabalhar com ética, preceito sagrado que norteia a conduta jornalística.

Sobre a primeira tendência, é possível dizer que a mídia populariza os avanços tecnológicos, bem como estes também a beneficiam, já que a difusão de notícias se tornou muito mais rápida e democrática. O jornalismo está completamente dependente dessas novas tecnologias, mas isso é algo positivo.

O uso das redes sociais é visto de diferentes maneiras, seja para interagir com determinada audiência, receber sugestões de matérias, encontrar fontes, ir à procura de assuntos interessantes, divulgar reportagens e conteúdos próprios e de terceiros, entre outros. O uso de tais redes, como Facebook e Twitter, tem se intensificado, assim como os sites que criam sistemas específicos de checagens para redes sociais, como o Storify<sup>24</sup>, Storyful<sup>25</sup> e Topsy<sup>26</sup>.

---

<sup>24</sup> Disponível em: <https://storify.com/>. Acessado em: 25 de junho de 2014. O Storify coleta uma sequência de postagens de redes sociais para o usuário que a solicitar, de acordo com um tópico de conversa ou hashtag. O internauta pode, então, inserir a sequência de postagens numa reportagem online, texto de blog etc. Isso pode ser importante, por exemplo, para que o leitor perceba o que tem sido falado sobre determinado assunto.

Essa tendência, de acordo com Reis, é o que leva à terceira: *crowdsourcing* e jornalismo colaborativo. Como a rede agrega e trabalha com o conceito de global, o jornalista não precisa mais ser o indivíduo que fica isolado, trabalhando sozinho. O jornalista das novas mídias se beneficia com o espírito de colaboração da rede e conta com a ajuda de terceiros para evoluir e avançar como fonte de notícia.

O *crowdsourcing* permite que uma instituição jornalística construa sua versão de um fato com a ajuda do público. Vemos em Reis que essa iniciativa busca o “engajamento de muitas pessoas, como fontes, para a construção da notícia” (2013, p. 73). Por mais que a empresa tenha dificuldade em checar as informações recebidas, elas podem contar com uma riqueza de detalhes: fotos, vídeos, depoimentos e relatos que o jornalista não tinha em mãos.

Já a hiperlocalidade, ou cobertura especializada, é explicada pelo autor como a necessidade de empresas menores de se especializar em um determinado assunto ou localidade, já que elas não conseguiriam competir com empresas maiores, grande veículos de imprensa que têm condições de cobrir assuntos gerais e mais globais.

O interessante aqui é que Reis indica uma contradição: a internet trouxe o global para a vida das pessoas, mas também o local. Em outras palavras, ela oferece a oportunidade da especialização e do nicho a grupos menores, que trabalham, consequentemente, com equipes enxutas. Ou seja, os assuntos bem delimitados acabam sendo a forma de competição dessas empresas.

Por último, o empreendedorismo é uma preocupação de muitas redações que se viram ameaçadas pela cultura do digital. É uma conversa que engloba formas alternativas de financiamento, necessidade de inovação e criatividade – para se destacar no meio virtual, redução de despesas, entre outros fatores. A história, segundo Reis, ainda está sendo escrita pelos jornalistas. O futuro os aguarda.

Com esse panorama rico sobre o novo momento das empresas de comunicação, marcado pelas mídias digitais, não há dúvidas da capacidade engajadora e motivadora da tecnologia. O global e o local se encontram e convidam à versatilidade, à convergência tecnológica: o jornal que informa pelo papel, agora também o faz pela internet, por celular e por outras plataformas. Traçando uma ponte com Castells (2009),

---

<sup>25</sup> Disponível em: <http://storyful.com/>. Acessado em: 25 de junho de 2014. A descrição do site diz que o Storyful é uma agência de notícias especializada em redes sociais que descobre, verifica e adquire histórias para redações jornalísticas, marcas e produtoras de vídeos.

<sup>26</sup> Disponível em: <http://topsy.com/>. Acessado em: 25 de junho de 2014. O Topsy é uma importante ferramenta de procura, análise e métrica para postagens de Twitter. Ele consegue filtrar palavras, hashtags e Trending Topics que constam do Twitter desde o ano de 2006.

ele traduz toda essa catarse informacional como um momento que produz grandes efeitos nas mentes das pessoas:

Como as redes neuronais do cérebro se ativam mediante a interação com seu entorno, incluindo o entorno social, este novo âmbito da comunicação, em suas mais diversas formas, se convertem na principal fonte de sinais que levam à construção de significado na mente das pessoas. Como o significado determina, em grande medida, a ação, a comunicação do significado se converte na fonte de poder social pela sua capacidade de marcar a mente humana. (CASTELLS, 2009, p. 189)<sup>27</sup>

---

<sup>27</sup> Tradução da autora: “Como las redes neuronales del cerebro se activan mediante la interacción con su entorno, incluyendo el entorno social, este nuevo ámbito de comunicación, en sus más diversas formas, se convierte en la principal fuente de señales que llevan a la construcción de significado en la mente de las personas. Puesto que el significado determina en gran medida la acción, la comunicación del significado se convierte en la fuente del poder social por su capacidad de enmarcar la mente humana.”

### 3. NOVAS LUTAS GLOBAIS: DA INTERNET ÀS RUAS

Estar no redemoinho das novas lutas globais é ser arrastado por uma multidão que sabe utilizar muito bem suas novas “armas”: um exército de pessoas que digitam e consomem a pluralidade de fatos, informações que “encharcam” os perfis virtuais de diversos indivíduos que formam a rede das novas lutas.

A rede não é uma forma de vida nova. O ser humano, desde sempre, precisa conviver e formar grupos de relacionamento que garantem sua sobrevivência na comunidade.

Não obstante, as redes não são uma forma específica das sociedades do século XXI nem da organização humana. As redes constituem a estrutura fundamental da vida, de todo tipo de vida. (...) Por outro lado, em términos de estrutura social, os arqueólogos e historiadores da antiguidade têm reiterado, convincentemente, que os dados históricos mostram a permanência e relevância das redes como espinha dorsal, desde há milhares de anos, nas civilizações antigas mais avançadas de diferentes regiões do planeta. (CASTELLS, 2009, p.47)<sup>28</sup>

As estruturas sociais e políticas são verdadeiros emaranhados, como a família, o Estado e o governo. O homem se relaciona com vários desses pontos e assim estabelece diferentes vínculos. Não há vida em sociedade sem diálogo, mediação, pertencimento e negociação: as interações humanas são necessárias para a evolução da própria sociedade.

Já falamos sobre a importância das novas tecnologias dentro desse contexto no último capítulo. Pois bem, há diversos centros de estudo que centralizam seus esforços em entender e relacionar o fluxo de informações e dados que são construídos dentro do universo da cultura de redes.

Aqui no Brasil, há o Laboratório de estudos sobre Imagem e Cultura<sup>29</sup> (Labic), liderado pelos professores Fábio Malini, Fábio Goveia e Patrick Ciarelli, da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), bem como o Laboratório de Pesquisa em

---

<sup>28</sup> Tradução da autora: “No obstante, las redes no son una forma específica de las sociedades del siglo XXI ni de la organización humana. Las redes constituyen la estructura fundamental de la vida, de toda clase de vida. (...) Por otra parte, em términos de estructura social, los arqueólogos y los historiadores de la antigüedad han reiterado convincentemente que los datos históricos muestran la permanencia y la relevancia de las redes como espinna dorsal de las sociedades, desde hace miles de años, em las civilizaciones antiguas más avanzadas de diferentes regiones del planeta”.

<sup>29</sup> Disponível em: <http://www.labic.net/>. Acessado em: 15 de setembro de 2014. Fábio Malini é doutor em comunicação e Cultura pela UFRJ. Além de coordenador do Labic, é pesquisador do Laboratório de Pesquisa em Comunicação Distribuída e Transformação Política (CIBERCULT); Fábio Goveia é doutor em comunicação também pela UFRJ e atua na área de visualização de dados e pesquisas de *data science*. Já Patrick Ciarelli é doutor em engenharia elétrica pela Ufes e atua nas seguintes áreas: inteligência artificial, recuperação de informação, reconhecimento de padrões e processamento de imagens.

Mídias e Métodos Digitais para a Produção e Divulgação de Conhecimento em Humanidades<sup>30</sup>, o MediaLab, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), coordenado pela professora Fernanda Bruno.

As novas lutas globais são um desses focos de estudo, por representarem, no século XXI, os desejos, a luta, os esforços sociopolíticos de transformação de diversas sociedades, em diferentes países, que tornam públicas suas indignações e esperanças. Como dito anteriormente, essas manifestações contam com armas novas, mas não menos poderosas. Como Cavalcanti e Fontanetto (2014) apontam:

As revoluções que acontecem hoje não são as mesmas do passado. Mudou-se o modo de pensar, mudaram-se as pautas reivindicadas, mudou-se o modo como se faz revolução, mas ainda não se mudou o lugar onde elas acontecem: nas ruas. Um novo ingrediente adentrou o furacão das revoluções modernas, servindo de espelho para aquilo que é feito pelo povo, e ele se chama internet. (CAVALCANTI & FONTANETTO, 2014, p. 2)

O indivíduo das novas lutas, como veremos ainda neste capítulo, tem na internet uma poderosa ferramenta de alcance global: é ali que os fatos ocultos ganham espaço para serem mostrados a um número muito maior de indivíduos. Forma-se uma verdadeira rede de ação, mobilização, cooperação e esperança.

Manuel Castells (2013), explicando como os movimentos sociais atuam dentro da sociedade em rede para produzir novos valores, significados e iniciar uma renovação, aponta que, ao longo da história, as instituições<sup>31</sup> que exercem poder no mundo (Estado, por exemplo) são influenciadas por esse contrapoder das manifestações. E, para fazer valer esse poder, os movimentos se constroem mediante uma “comunicação autônoma, livre do controle dos que detêm o poder institucional” (p. 14).

Como os meios de comunicação de massa são amplamente controlados por governos e empresas de mídia, na sociedade em rede a autonomia de comunicação é basicamente construída nas redes de internet e nas plataformas de comunicação sem fio. As redes sociais digitais oferecem a oportunidade de deliberar sobre e coordenar as ações de forma amplamente desimpedida. (CASTELLS, 2013, p.14)

As redes sociais desempenham um papel de suporte neste novo ciclo de lutas. O Facebook e o Twitter atuam como dois importantes veículos quando as pessoas-atores

---

<sup>30</sup> Disponível em: <http://medialabufjf.net/>. Acessado em: 15 de setembro de 2014. Fernanda Bruno é doutora em comunicação pela UFRJ e trabalha com foco nos seguintes temas: tecnologia, subjetividade, corpo, tecnologias de comunicação, cognição, vigilância e visibilidade.

<sup>31</sup> No livro “A ordem do discurso”, do filósofo francês Michel Foucault (1926-1984), essas instituições a que Castells faz referência são entendidas como “dispositivos de poder”, que produzem discursos, e, por isso, poder e lugar de poder. Poder é agir sobre os desejos e ações dos homens, controlando as vontades e anseios da sociedade.

passam a vê-los como possibilidade de veiculação de notícias e interação com outras pessoas. Mais do que um espaço de integração social, esses ambientes virtuais abrigam testemunhos, depoimentos e, inclusive, cobertura massiva de acontecimentos por parte de seus usuários, que, ao fazerem isso, trazem para o ambiente da rede social o valor de um canal de comunicação alternativo.

Nos livros “Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas” e “Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas no Brasil”, é possível observar essa hipótese por meio dos textos: muitos apontam, sistematicamente, a importância das redes sociais nesses eventos.

Houve algo de dionisíaco nos acontecimentos de 2011: uma onda de catarse política protagonizada especialmente pela nova geração, que sentiu esse processo como um despertar coletivo propagado não só pela mídia tradicional da TV ou do rádio, mas por uma difusão nova, nas redes sociais da internet, em particular o Twitter, tomando uma forma de disseminação viral, um boca a boca eletrônico com mensagens replicadas a milhares de outros emissores. (CARNEIRO In HARVEY et al. 2012, p. 9)

O que se viu foi um verdadeiro rastro de pólvora: a mensagem que ganhava a mente de alguns, rapidamente se alastrava para milhares de outras pessoas. Esse boca a boca virtual possibilitou a organização do povo nas ruas, porque muitos encontros eram convocados pela internet.

Não somente as redes sociais colaboraram para o ponto de encontro em praça pública, como também serviram de ferramenta para as testemunhas oculares da história. Quem não tinha voz em grandes veículos encontrava na internet seu principal meio de articulação, um canal para relatar o que os olhos viam e “alimentar” a mente com o que outros olhos estavam presenciando.

A internet foi um ingrediente de sucesso nesses eventos, mas as ruas foram tomadas para dar a dimensão do que o povo queria. Afinal, os efeitos gerados pela internet não são palpáveis, mas uma multidão nas ruas é visivelmente catártica, é o que faz o alarme soar.

O sociólogo Giovanni Alves (ALVES In HARVEY et al, 2012, p. 35) discorre sobre o fascínio que “a massa de jovens e velhos rebeldes nas ruas e praças” exerce sobre o público que assiste a esse momento histórico. Em suas palavras, “há o fervor em reconquistar de maneira coletiva e pacífica territórios urbanos(...)”. A tomada do espaço público pelo povo é a tentativa de reconstrução de uma legitimidade e de uma identidade para o futuro daquela sociedade.

Entre as pautas dessas novas lutas globais, estão presentes a luta por direitos não respeitados, por uma infraestrutura social adequada para necessidades básicas da população, por uma democracia real e mais participativa; o não à corrupção, à desigualdade social, ao individualismo, ao consumismo inconsciente e destruidor, à monetização da vida, ao abuso de poder de polícias não humanistas, condições decentes de trabalho, entre outras. O filósofo Slavoj Žižek (ŽIŽEK In HARVEY et al, 2012, p. 16) afirma que não basta saber o que não se quer, é preciso saber o que se quer e identificar meios para alcançar essa realidade.

### **3.1. Um breve histórico**

Desde o final de 2010, o mundo vem assistindo a diversos movimentos mundiais de contestação à ordem vigente e à forma como um determinado governo opera setores vitais de uma sociedade. Começou com a Primavera Árabe, em países como Tunísia e Egito, entre outros, em que ditadores que comandavam esses países renunciaram, no caso do Egito, ou fugiram, como na Tunísia.

Na Tunísia, o ditador Zine El Abidine Ben Ali, que governava o país desde 1987, fugiu para a Arábia Saudita depois que uma tragédia mobilizou e incendiou a população do país. O vendedor Mohamed Bouazizi, de 26 anos, ateou fogo ao próprio corpo no dia 17 de dezembro de 2010, como forma de denunciar a humilhação que passava toda vez que a polícia local confiscava suas mercadorias quando ele se recusava a pagar propina.

Em janeiro, o rasto de pólvora continuava a se alastrar. As forças policiais receberam a população revoltada com brutalidade e nenhuma chance de diálogo. No dia 12 de janeiro, o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas tunisianas, o general Rachid Ammar, recusou-se a abrir fogo contra os manifestantes. Como resposta, foi exonerado. Dois dias depois, o ditador fugia com sua família para fora do país.

A população não queria somente sua saída, queria mais: o completo desmoronamento de todo poder instituído que representasse a opressão da ditadura. Castells (2013), que estudou a fundo o início das lutas globais, aponta a importância dessa relação entre rua e internet ao dizer que “a conexão entre comunicação livre pelo Facebook, Youtube e Twitter e a ocupação do espaço urbano criou um híbrido espaço público de liberdade (...), prenunciando os movimentos que surgiram em outros países” (p. 25).

Também em janeiro daquele ano, o Egito recebeu sua população nas ruas, que, inclusive, gritava: “A Tunísia é a solução!”. A ditadura de Hosni Mubarak já fazia do país uma prisão há 30 anos. O documentário “The Square” (Jehane Noujaim, 2014) acompanha com riqueza de detalhes o início das reivindicações que levaram milhares à Praça Tahrir, a maior praça pública no centro da capital do país, Cairo.

O filme acompanha a trajetória de algumas figuras importantes dos eventos, como Ahmed Hassan, um jovem que luta insistentemente por um Egito livre e democrático; o ator Khalid Abdalla, um dos protagonistas do filme “O caçador de pipas”, que morou com o pai exilado na Inglaterra e decidiu retornar ao seu país de origem para ajudar a população que clamava por mudanças; Magdy Ashour, um membro da Irmandade Muçulmana que enfrenta a dualidade ideológica de sua religião e a de seus amigos manifestantes, que não concordam com as atitudes da Irmandade; Ramy Essam, o cantor que virou a voz dos protestos por fazer canções que denunciavam a realidade do país e os anseios da população, entre outros.

O filme acompanha desde os primeiros acontecimentos de 2011 e traça uma trajetória de três anos, até a queda do presidente eleito democraticamente Mohamed Morsi. Em 11 de fevereiro de 2011, a população egípcia presencia a queda do ditador Hosni Mubarak, há 30 anos no poder, devido à pressão popular das ruas, que, desde janeiro, já levantava suas bandeiras e entoava canções por um Egito livre.

Com a queda de Mubarak, as forças armadas tomam o controle do país e prometem que nenhum manifestante seria machucado. A praça Tahrir vai sendo, aos poucos, esvaziada, enquanto o povo aguardava por uma eleição presidencial democrática. Mas os meses passam e o exército só ganha cada vez mais poder. Em um novo levante popular, ainda em 2011, a população consegue atingir seu objetivo: eleições por meio do voto popular. Mas, ainda hoje, em 2014, após a queda do primeiro presidente eleito democraticamente no país, Morsi, a população ainda enfrenta os ecos da Primavera Árabe.

E, mais uma vez, a importância da divulgação<sup>32</sup> desses movimentos por outros canais, que não as mídias convencionais, foi grande, até mesmo para chegar ao conhecimento de outras pessoas ao redor do mundo que participariam de ocupações como o Occupy Wall Street, em Nova York, e o Movimento dos Indignados, na

---

<sup>32</sup> O filme mostra que os próprios manifestantes gravavam os acontecimentos e veiculavam vídeos de atrocidades e repressão policial no YouTube. No Egito, a emissora estatal mais servia ao governo do que à versão do público. As notícias sobre os protestos ganhavam versões mais aprofundadas por emissoras internacionais e mídia estrangeira, bem como pelos próprios manifestantes.



Espanha. Sobre isso, Castells (2013) confirma que “os manifestantes registraram seus eventos com telefones celulares e compartilharam seus vídeos com pessoas do país e do mundo via Youtube e Facebook, frequentemente transmitindo ao vivo.”

Mais à frente, o maio de 2011 ficaria marcado pela onda de protestos organizados pela população espanhola, jovens desempregados em sua grande maioria. O reflexo vinha da crise econômica de 2008, que jogou diversos países à beira da recessão<sup>33</sup>, como Portugal, Espanha e Grécia. O contexto contribuiu para o Movimento dos Indignados, ou 15M, que culminou com a Plaza de la Puerta del Sol, em Madrid, recebendo milhares de pessoas no dia 15 de maio de 2011, sete dias antes das eleições municipais.

Como no Egito, no norte da África, que recebeu influência direta da Tunísia, a Espanha também recebeu exemplos do continente europeu: o da Islândia, que foi uma das primeiras a sentir o impacto da crise de 2008 e optou por uma solução baseada na decisão popular. Neste mesmo ano, o governo islandês resolveu fazer um plebiscito para saber da população se a ideia de gastar o dinheiro público para indenizar bancos que estavam indo à falência era aceitável. A resposta foi não. O então presidente Ólafur Ragnar Grímsson emitiu uma declaração emblemática: “A Islândia é uma democracia, não um sistema financeiro.”

O caso Islandês foi uma das inspirações para se criar o grupo *Democracia Real Ya* (DRY) no Facebook<sup>34</sup>, que era constituído por uma rede de outros grupos em diferentes cidades espanholas. A principal denúncia era contra a falta de democracia representativa no país. Também tomados pelo calor das revoluções árabes, o grupo fez um apelo na rede social, com um manifesto<sup>35</sup>, para que a população comparecesse às ruas no 15 de maio, como forma de protesto.

O alcance ultrapassou Madrid e chegou a Barcelona, Valencia e outras cidades do país. Na Puerta del Sol, o intuito era ficar até que a discussão sobre o que era a

---

<sup>33</sup> Disponível em: <http://epocanegocios.globo.com/Informacao/Visao/noticia/2013/09/o-mundo-depois-da-crise-de-2008.html>. Acessado em: 15 de agosto de 2014.

<sup>34</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/AsociacionDRY>. Acessado em: 15 de agosto de 2014.

<sup>35</sup> “Somos pessoas comuns, somos como vocês: pessoas que se levantam de manhã para estudar, trabalhar ou procurar emprego, pessoas com famílias e amigos. Pessoas que dão duro todo dia para viver e proporcionar um futuro melhor a todos os que nos rodeiam. Porém, neste país, a maioria da classe política nem sequer nos escuta. Sua função deveriam ser levar nossa voz às instituições, facilitando a participação política cidadã e procurando o maior benefício para a sociedade em geral, e não enriquecer às nossas custas, atendendo apenas às ordens dos grandes poderes econômicos e mantendo uma ditadura partidocrática. Somos pessoas, não mercadorias. Não sou apenas o que compro, por que compro e para quem compro. Por todos esses motivos, estou indignado. Acredito que posso mudar. Acredito que posso ajudar. Sei que unidos nós conseguimos. Venha conosco. É seu direito.” (CASTELLS, 2013, p.87)

democracia real terminasse a ponto de se chegar a um consenso. As pessoas passaram a acampar em praça pública e a transmitir, ao vivo, todos os eventos da manifestação. Os efeitos do 15M atravessaram o ano e se arrastaram até o final de 2011.

Ainda neste ano, outro movimento também atingiu mais de centenas de cidades em todo o mundo, com a mesma estratégia: ocupar espaços públicos para reivindicar desejos e anseios. Os “ocupas”, como foram chamados, se alastraram com muita velocidade, mas o precursor e o mais poderoso foi o Occupy Wall Street, que invadiu o centro financeiro mais famoso do mundo, Wall Street, em Nova York, e reuniu mais de 15 mil pessoas ao longo do mês de setembro<sup>36</sup>.

Os motivos também se assemelham aos dos outros movimentos: nível elevado de desemprego, repercussão da crise financeira de 2008, desigualdade socioeconômica<sup>37</sup> e o questionamento de alternativas para o regime econômico vigente, o capitalismo. Outro fator que é possível destacar é a diversidade social dos grupos presentes no Occupy: a juventude, como sempre, estava lá, mas na lista também entram outras classes de trabalhadores, desempregados, anarquistas e outros grupos sociais.

Como afirma Manuel Castells (2013), o Occupy Wall Street nasceu digital, portanto a sua inserção na rede, desde seu surgimento, foi essencial para a evolução do movimento. Segundo o autor, alguns blogs atuaram convocando e mobilizando as pessoas, como *Adbusters*, *AmpedStatus* e *Anonymous*, entre outros, além de ter sido viralizado e divulgado amplamente no Facebook e Twitter.

Outra iniciativa que deu certo foi o Tumblr<sup>38</sup> – espécie de microblog onde é possível postar textos mais curtos, imagens, links, música etc. - ‘We are the 99%’. Ali, o conteúdo era colaborativo e vinha de pessoas que contavam suas histórias: como perderam o emprego, como tinham que sustentar suas famílias, como estavam recuperando a vida financeira, entre outras. Ainda hoje o histórico está disponível e é possível acessá-lo para ter uma ideia do espírito do movimento, bem como a força da internet dentro dele.

Os quatro exemplos de movimentos aqui explicados resumidamente – os dois precursores da Primavera Árabe, o Movimento dos Indignados e o Occupy Wall Street

---

<sup>36</sup> PESCHANSKI In HARVEY ET AL. 2012, p. 27

<sup>37</sup> Segundo o artigo de João Alexandre Peschanski, no livro “Occupy: movimentos de protestos que tomaram as ruas” (2012, p. 27), as estimativas de 2008, segundo pesquisa realizada pelo governo estadunidense, confirmavam que 1% da população dos EUA era detentora de 25% da riqueza do país. Os “ocupas” se definiam como a “mobilização dos 99%”.

<sup>38</sup> Disponível em: <http://wearethe99percent.tumblr.com/>. Último acesso em: 15 de setembro de 2014. Tradução da autora: “Nós somos os 99%”.

– resultaram em uma série de outros eventos organizados pelo Norte da África, Europa e outras partes do mundo. Aqui no Brasil, as Jornadas de Junho entraram para o rol das novas lutas globais, muito embora tenham acontecido outras manifestações no país que precederam as de 2013.

A ideia deste tópico é mostrar como esses movimentos fizeram uso intensivo da internet e de ferramentas alternativas para se comunicarem e estabelecerem o sucesso, do ponto de vista social e comunicacional, desses quatro exemplos. As estratégias utilizadas pelos manifestantes, em diferentes plataformas, é explicada por Castells como a formação de uma verdadeira rede de contrapoder, que foi capaz de desmontar as redes de poder institucionais, as que verdadeiramente sustentam um governo e uma ideologia na mente das pessoas. Para Castells e o cientista social Giovanni Alves, a internet funcionou como um ponto de encontro de esforços e sinergias no contexto dos movimentos:

A internet forneceu o espaço seguro em que as redes da indignação e da esperança se conectaram. As redes formadas no ciberespaço ampliaram seu alcance para o espaço urbano (...). A Praça Tahrir foi o interruptor que ligou as múltiplas redes de contrapoder a despeito de sua diversidade. (CASTELLS, 2013, p. 71)

Terceiro [*ponto*], utilizam redes sociais, como Facebook e Twitter, ampliando a área de intervenção territorial e mobilização social. Produzem sinergias sociais em rede, tecendo estratégias de luta territorial num cenário de crise social ampliada. (ALVES In HARVEY et al. 2012, p. 33)

### **3.2. O ativista, o hacker e o midialivrista**

As novas lutas globais trouxeram a inquietação de pessoas dispostas a transformar uma determinada realidade. Isso não é exclusivo desses eventos. Pelo contrário, o engajamento político e social, levantado como bandeira, atravessa a história. É o casamento desse tipo de indivíduo com novas interfaces e meios que rende nomenclaturas diferentes. O ativista, para nomeá-lo, tem na sua luta cotidiana uma razão e, muitas vezes, um estilo de vida. Além de tentar transformar algo com o qual ele não concorda ou gostaria que fosse diferente, ele mobiliza e engaja outros indivíduos, somando mentes e corações a determinada causa.

Na época do suicídio do norte-americano Aaron Swartz, o mundo pôde assistir a um verdadeiro turbilhão na grande mídia. Um dos proprietários da rede social Reddit<sup>39</sup>,

---

<sup>39</sup> Disponível em: <http://www.reddit.com/>. Último acesso em: 08 de fevereiro de 2014.

fundador do site DemandProgress<sup>40</sup> e um dos criadores do protocolo de RSS 1.0<sup>41</sup>, Aaron era um ativista cibernético e programador que cedeu à pressão do governo dos Estados Unidos, que o acusava de ter roubado, em julho de 2011, milhões de arquivos acadêmicos de um computador do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT, na sigla em inglês). Condenado à prisão no mesmo ano, o jovem rapaz se enforcou em 11 de janeiro de 2013, aos 26 anos de idade<sup>42</sup>.

O Manifesto da Guerrilha do Acesso Aberto<sup>43</sup>, idealizado por Aaron, que defendia o livre acesso ao conhecimento científico na internet, pressupunha que as pessoas poderiam ler textos acadêmicos sem precisar pagar por seu conteúdo. Diferente do que acontecia no JSTOR<sup>44</sup>, site que reúne inúmeros *papers* acadêmicos que só são liberados ao usuário quando este paga uma determinada quantia. Foi exatamente desse site que o jovem adquiriu os trabalhos e, segundo o governo americano, ele pretendia disponibilizá-los livremente na internet após ter tido acesso a eles ilegalmente.

Quando o conhecimento não é manipulado e nem passa por algum tipo de filtro ou impedimento, a sociedade se privilegia. Essa era a luta de Aaron: liberar o acesso ao conhecimento, numa ação ‘hackerativista’. Outros nomes assim o fizeram, como o criador do Wikileaks, Julian Assenge, e o agente de segurança da NSA Edward Snowden. Todos eles viraram inimigos de Estado, por vazarem dados sigilosos ao mundo. No prefácio do livro de Antoun e Malini (2013), a pesquisadora Ivana Bentes, professora da Escola de Comunicação da UFRJ, nomeia esse momento como “o fim da cultura do segredo”, em que verdades encobertas por Estados não escapam ao poder da internet e ao de mentes ávidas por informação.

Assim como o hacker que cria softwares livres e dá acesso ao desconhecido, a mídia alternativa abre novas formas de comunicação, revela o real a partir de uma nova perspectiva, soltando amarras e tentando derrubar barreiras (físicas, políticas, sociais etc.), conforme um movimento de contrainformação.

Hackers não se declaram hackers, sua reputação é o que os tornam respeitados como tal. Boa parte dessa reputação é construída pela distribuição de códigos de qualidade ou na colaboração no desenvolvimento de projetos compartilhados de programas de

---

<sup>40</sup> Disponível em: <http://www.demandprogress.org/>. Último acesso em: 08 de fevereiro de 2014.

<sup>41</sup> Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/RSS>. Último acesso em: 08 de fevereiro de 2014.

<sup>42</sup> Disponível em: <http://oglobo.globo.com/tecnologia/aaron-swartz-hacker-fundador-do-reddit-comete-suicidio-aos-26-anos-7278368>. Último acesso em: 08 de fevereiro de 2014.

<sup>43</sup> Disponível em: <http://baixacultura.org/2011/08/12/aaron-swartz-e-o-manifesto-da-guerrilla-open-access/>. Último acesso em: 08 de fevereiro de 2014.

<sup>44</sup> Disponível em: <http://www.jstor.org/>. Último acesso em: 08 de fevereiro de 2014.

computadores. Foi esta cultura hacker e sua ética, fundada na liberdade e no compartilhamento, que estiveram no nascimento da Internet e de nos seus principais desenvolvimentos. Por isso que até o momento os *commons* se confundem com a rede, o que torna tão difícil e anacrônica cada tentativa para privatizá-la e impor sobre ela controles autoritários. (AMADEU, 2007, p.15)

Para eles todas as informações devem ser livres, as redes devem ser livres e democráticas, e os computadores, acessíveis a todos e utilizados como uma ferramenta de sobrevivência na sociedade pós-industrial. Os primeiros hackers visavam demonstrar a falibilidade das redes, daí vem a invasão a sistemas de computadores.<sup>45</sup>

Tanto nas redes virtuais quanto nas redes físicas, existe uma lógica de participação colaborativa, linear, horizontal, onde não se destaca um líder, mas sim agentes que contribuem para que o fluxo de informação não cesse. Como um hacker que luta pela democracia na informação distribuída na rede, surge uma terceira figura que, na lógica dos movimentos sociais do século XXI, se beneficia do extenso rol de oportunidades da internet e de iniciativas coletivas para elaborar um poderoso esquema de contrainformação, calcado na lógica do compartilhamento e da cobertura em rede. Estamos falando do midialivrista.

O midialivrista é o hacker das narrativas, um tipo de sujeito que produz, continuamente, narrativas sobre acontecimentos sociais que destoam das visões editadas pelos jornais, canais de TV e emissoras de rádio de grandes conglomerados de comunicação. Em muitos momentos, esses hackers captam a dimensão hype de uma notícia para lhe dar um outro valor, um outro significado, uma outra percepção, que funcionam como ruídos do sentido originário da mensagem atribuído pelos meios de comunicação de massa. Essa narrativa hackeada, ao ser submetida ao compartilhamento do muitos-muitos, gera um ruído cujo principal valor é de dispor uma visão múltipla, conflitiva, subjetiva e perspectiva sobre o acontecimento passado e sobre os desdobramentos futuros de um fato. (ANTOUN & MALINI, 2013, p. 23)

Resumindo, quando o vínculo entre rua e internet se fortalece, como se presenciou nas Jornadas de Junho e no movimento Occupy, mudanças significativas podem acontecer e, ainda, permitir que surja o modelo de ativismo hacker no midialivrismo. O hacker das narrativas de Antoun e Malini (2013) nos mostra que essa ação atua segundo uma lógica do “comum”, sem “rosto” específico, sem líderes, visando um bem maior para pessoas que sentem, de alguma forma, que um determinado sistema/realidade – ou valor – precisa ser enfrentado.

---

45 Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/lemos/rebelde.html>. Último acesso em 20 de setembro de 2014.

### 3.4. O conhecimento comum e a força mobilizadora das multidões

O ambiente em rede traz uma palavra que, dentro do contexto das novas lutas, ganha sentido e destaque especial: colaboração. Essa palavra permeia diversas interpretações acerca do que vem a ser construção colaborativa de conhecimento. Como vimos no ativismo hacker, ‘o comum’ é inerente ao que é produzido na internet: importa mais a disseminação do conhecimento do que a autoria.

As lógicas corporativista e individualista perdem espaço para as lógicas coletiva e de ajuda mútua. Existe o pensamento do bem maior, e não do beneficiamento exclusivo e para poucos. O que caracteriza as novas lutas globais e, por consequência, as narrativas midiáticas que surgiram delas, é a construção de uma comunicação multidirecionada e feita pela multidão.

Gabriel Tarde (2005) nos traz uma definição de multidão que é brilhante quanto à força mobilizadora que a inspira. Na multidão Tardiana, interessa muito mais as características similares étnicas dos indivíduos do que as diferenças próprias, que, segundo ele, se neutralizam. O tipo nacional sobressai, enquanto as individualidades se atenuam. Muito embora tenha a ação individual de um líder ou líderes, a reação dos “comandados” também dita o comportamento e a adesão da multidão a uma causa.

Ainda segundo Tarde, a distinção primordial que deve ser feita entre diversos públicos (outra expressão esmiuçada por ele) e diversas multidões é a relativa à natureza do objetivo e fé que reúnem esses grupos. Nada reunirá uma multidão até que uma fé comum a agregue, comova e mova em conjunto, explica.

Assim que um novo espetáculo concentra seus olhares e seus espíritos, que um perigo imprevisto, uma indignação súbita orienta suas emoções para um mesmo desejo, elas começam a agregar-se docilmente, e esse primeiro grau de agregado social é a multidão. Pode-se dizer do mesmo modo: os leitores de um jornal, inclusive os habituais, na medida em que leem apenas os anúncios e as informações práticas relacionadas a seus assuntos privados, não formam um público (...). Ora, é a partir do momento em que os leitores de uma mesma folha deixam-se ganhar pela ideia ou a paixão que a suscitou que compõem realmente um público. (Ibidem, p. 32)

Por outro lado, Hardt e Negri (2005) também exploram o conceito de multidão e de interesse comum, que, segundo eles, “é um interesse geral que não se torna abstrato no controle do Estado, sendo antes reapropriado pelas singularidades que cooperam na produção social biopolítica; é um interesse público que não está nas mãos da burocracia, mas é gerido democraticamente pela multidão” (p. 268).

A leitura de Sérgio Amadeu (2007) sobre Hardt e Negri mostra o diálogo entre o comum e a multidão, que, sob muitos aspectos, o primeiro é inerente ao segundo. Amadeu nos aponta que os autores construíram um conceito de comum vinculado à ideia da produção de conhecimento e carga informacional realizada pela multidão. E essa multidão não é uma qualquer: ela é composta por novos sujeitos históricos, autônomos, que muitas vezes constroem o comum em processos virtuais.

Não é possível relacionar esses novos sujeitos históricos aos das novas lutas globais, que são autores de suas próprias narrativas? Numa verdadeira abordagem de ‘hackeamento’ do ciberespaço para a criação de um modelo de comunicação alternativo, calcado na liberdade e na possibilidade de escolha da internet, e, também, de ‘hackeamento’ dos espaços públicos em sentido figurativo, encontrando brechas para legitimar o movimento social, os formatos de mídia e divulgação observados durante esses episódios revelam dois pontos importantes. Primeiro, os indivíduos constituíram a multidão, dando-lhe forma e volume. Segundo, eles estavam lá presentes, então puderam embasar e fabricar o legado comum, que foi o conhecimento.

Ivana Bentes, em entrevista à Revista do Instituto Humanitas Unisinos<sup>46</sup>, joga luz sobre a atividade da Mídia NINJA. Fazendo uma ponte com a construção do comum pela multidão, Ivana levanta o termo “mídia multidão”, um trabalho feito de forma colaborativa, incluindo o público no processo de produção (esse ponto em específico pode ser observado na interface da transmissão ao vivo dos acontecimentos, que permitiam a interação direta com o público por meio de comentários).

Pensando na mídia livre, podemos dizer que o sujeito qualquer, o midialivista, diferente do jornalista corporativo, não está em um protesto, ato, manifestação, apenas para fazer o registro (ou reportar) dentro de uma relação de trabalho. Ele é um corpo da multidão e a comunicação é uma das formas de mobilizar e organizar, expressar, essa multidão.<sup>47</sup>

A partir de agora, por meio de uma análise de conteúdo de vídeos, o trabalho recorrerá ao exemplo da Mídia NINJA, os midialivistas, e a um telejornal da maior empresa de comunicação do país, a Rede Globo. Os ideais e interesses defendidos por

---

<sup>46</sup>

Disponível

em:

[http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5573&secao=447](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5573&secao=447).  
Acessado em: 7 de setembro de 2014.

<sup>47</sup> Disponível em:

[http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5573&secao=447](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5573&secao=447).  
Acessado em: 7 de setembro de 2014.

ambos serão vistos a partir de suas transmissões e relatos sobre os meses que entraram para a história do país.



#### 4. 2013: PROTESTOS ANTES E DURANTE

Muito antes de 2013, o sistema de transportes já havia inspirado outros movimentos no Brasil, a exemplo da Revolta do Buzu, em Salvador, em 2003. Dez anos antes, portanto, a população, de forma localizada, havia dado seu grito de indignação para juntar esforços e buscar combater uma determinada conjuntura.

Na cidade de Salvador, no Estado da Bahia, a Revolta do Buzu (gíria para a palavra ‘ônibus’, em português) reuniu em torno de 40 mil participantes, segundo estimativas, e “pode-se dizer que qualquer pessoa que tenha entre 24 e 34 anos hoje em dia e que morava na capital baiana participou da revolta” (MOVIMENTO PASSE LIVRE – SÃO PAULO In MARICATO et al, 2013, p.14).

Não foi diferente do que ocorrera em Florianópolis na vitória que se sucedeu à luta de Salvador e, no ano seguinte, quando a cidade barrou o aumento [*das passagens*] mais uma vez. A mesma experiência em que a população se apodera de forma parcial, mas direta, da organização do transporte - e, com ela, de uma dimensão fundamental da vida urbana – se repetiu nas revoltas de Vitória (2006), Teresina (2011), Aracaju e Natal (2012) e Porto Alegre e Goiânia (início de 2013). E se repete nas periferias sempre que pneus e ônibus queimados revertem o corte de linhas das quais dependem os moradores. (Ibidem, p. 16-17)

A Revolta do Buzu foi uma manifestação estudantil pelo passe livre, que contou com forte presença de grêmios estudantis e entidades representativas de estudantes na sociedade. Esses grupos paralisaram quase que diariamente as principais vias de Salvador de agosto a setembro, pedindo redução na passagem de ônibus de R\$1,50 para R\$1,30, meia tarifa nos finais de semana e a Criação do Conselho de Transporte na cidade.

Essa manifestação influenciou outras, inclusive a criação do Movimento Passe Livre (MPL)<sup>48</sup>, em 2005, coletivo que reúne pessoas em âmbito nacional em prol do projeto Tarifa Zero e dos transportes sem catraca. Nas Jornadas de Junho de 2013, ele desempenhou um papel de extrema importância, dando gás ao início do movimento.

---

<sup>48</sup> De acordo com o site do Movimento Passe Livre: “é um movimento social autônomo, apartidário, horizontal e independente, que luta por um transporte público de verdade, gratuito para o conjunto da população e fora da iniciativa privada. O MPL é um grupo de pessoas comuns que se juntam há quase uma década para discutir e lutar por outro projeto de transporte para a cidade. Estamos presentes em várias cidades do Brasil e lutamos pela democratização efetiva do acesso ao espaço urbano e seus serviços a partir da Tarifa Zero! O MPL foi batizado na Plenária Nacional pelo Passe Livre, em janeiro de 2005, em Porto Alegre, mas, antes disso, há seis anos, já existia a Campanha pelo Passe Livre em Florianópolis. Fatos históricos importantes na origem e na atuação do MPL são a Revolta do Buzu (Salvador, 2003) e as Revoltas da Catraca (Florianópolis, 2004 e 2005).”

A Revolta da Catraca, em Florianópolis, também foi outro evento motivado pelo aumento da tarifa nos transportes. Ela ocorreu nos meses de junho e julho de 2004 e nos meses de maio a junho de 2005, devido ao aumento de quase 200% desde o ano de 1996. Já em 2011, o *#contraoamento*, em Teresina, no Piauí, levou estudantes às ruas no mês de setembro. Pelo aumento de 20 centavos na tarifa, mais de 15 mil manifestantes foram novamente reivindicar em janeiro de 2012.

Neste mesmo ano, a Revolta do Busão<sup>49</sup>, em Natal, no Rio Grande do Norte, teve início em setembro, quando a prefeita da cidade, Mícarla de Souza, do Partido Verde (atualmente denunciada pelo Ministério Público por desvio e lavagem de dinheiro), aumentou a tarifa e retirou o uso do cartão de integração, pelo qual os usuários do sistema de transporte conseguiam fazer o trajeto de mais de um ônibus por uma única tarifa.

Estes dois últimos movimentos, localizados depois do ano de 2010, já indicam uma forte conexão com o universo digital, pois mostram componentes característicos: o nome precedido pelo símbolo de hashtag, no caso de Teresina, e a vinculação às redes sociais (Facebook e Twitter), no caso do Rio Grande do Norte.

No entanto, nenhum desses movimentos teve a força social e mobilizadora dos de 2013. Eles contribuíram para criar uma pauta de reivindicação sobre o sistema de transportes, crucial para o direito de ir e vir da população, e talvez tenham provocado um ponto ainda mais importante: a cultura da reivindicação, da conscientização social e política, preparando o cenário que viria dali a algum tempo.

O dia 6 de junho de 2013 representa um marco para as Jornadas de Junho. É necessário explicar que o termo que dá nome ao movimento compreende o mês em que tudo começou, assim como os encontros mais emblemáticos em ruas públicas. No entanto, as Jornadas de Junho se estenderam pelo segundo semestre de 2013, embora muitas delas não tenham alcançado, em número de participantes, as do primeiro mês.

Como mostra a reportagem “Por 20 centavos e muito mais”<sup>50</sup>, divulgada no dia 8 de junho de 2014 pelo jornal O Globo, a ideia principal era a redução das tarifas, que acabavam de subir 20 centavos em diversas cidades brasileiras. Depois disso, com a

---

<sup>49</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/revolta.dobusao?fref=ts>. Último acesso em: 12 de setembro de 2014. Fanpage da página do movimento, que também tem um blog (<http://revoltadobusaorn.blogspot.com.br/>), na qual a última postagem é relativa ao dia 6 de junho de 2013, ou seja, início das manifestações daquele ano.

<sup>50</sup> Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/por-20-centavos-muito-mais-manifestacoes-completam-um-ano-12763238>. Último acesso em: 12 de setembro de 2014.

proximidade da Copa das Confederações (15 a 30 de junho de 2013), as pautas reivindicadas foram se atrelando aos gastos do governo com o evento.

O antropólogo e professor aposentado da UFRJ Carlos Alberto Messeder (MESSEDER In DOURADO & LIMA, 2014, p. 16) aponta alguns temas que ganharam espaço na lista dos protestos: corrupção, insatisfação com a velha política, críticas ao capitalismo, educação e saúde, entre outros.

O calor do momento coincidiu com o início da Copa das Confederações: enquanto manifestantes lutavam pela redução das tarifas e pela visibilidade dos protestos – já que a mídia estrangeira estava com os olhos voltados para o Brasil, as autoridades tentavam abafar com panos quentes as manifestações: ora governantes diziam que os protestos eram aceitáveis, desde que não violentos, ora que atos violentos não iam ser tolerados e que impediam o diálogo entre ambos<sup>5152</sup>.

Do dia 6 ao dia 21 de junho, quando da revogação do aumento das tarifas em mais de cem cidades brasileiras, o Brasil vivenciou um período que o fez entrar no calendário do novo ciclo de lutas globais. Antes de junho, outros protestos já haviam sido realizados no país, não com a mesma visibilidade, mas também contra o aumento de passagens. Eles ocorreram em Porto Alegre<sup>53</sup>, Rio Grande do Sul, e em Manaus<sup>54</sup>, Amazonas, em março.

A primeira cidade a receber o protesto no dia 6 de junho foi São Paulo, em uma manifestação<sup>55</sup> que reuniu mais de 2 mil pessoas, convocadas pelo Movimento Passe Livre (MPL). Já há embate com a Polícia Militar (PM), detenções e depredação de ônibus (RICCI & ARLEY, 2014, p. 19). Junto, o Rio de Janeiro também registrou um ato em resposta ao aumento de vinte centavos na passagem, que entrou em vigor no dia 1º de junho.

Dali até o final do mês, outros oito atos também seriam bastante emblemáticos para o histórico das Jornadas de Junho: os dos dias 7, 11, 13, 17, 18, 20, 21 e 22. Ainda

---

<sup>51</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/alkmin-disse-ser-intoleravel-acao-de-baderneiros-durante-protestos-em-sp.html>. Último acesso em: 20 de setembro de 2014.

<sup>52</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/06/cabral-diz-que-protesto-tem-ar-politico-que-nao-e-espontaneo-da-populacao.html>. Último acesso em: 20 de setembro de 2014.

<sup>53</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/03/grupo-faz-novo-ato-contr-aumento-da-passagem-em-porto-alegre.html>. Último acesso em: 20 de setembro de 2014.

<sup>54</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/03/grupo-faz-novo-ato-contr-aumento-da-passagem-em-porto-alegre.html>. Último acesso em: 20 de setembro de 2014.

<sup>55</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/manifestantes-depredam-estacao-de-metro-banca-e-shopping-na-paulista.html>. Último acesso em: 20 de setembro de 2014.

assim, durante a Copa das Confederações, cada dia, por menor que tenha sido, registrou a participação popular em alguma manifestação numa cidade brasileira.

Como mostra a cronologia de eventos de um infográfico<sup>56</sup> do G1, do dia 6 em diante o movimento deslanchou. O ato do dia 13, em São Paulo, que levou 5 mil pessoas às ruas, começa a estimular respostas mais frequentes dos governantes, principalmente dos de São Paulo, o governador Geraldo Alckmin e o prefeito Fernando Haddad, e o então governador do Rio, Sérgio Cabral.

Até então, os jornais impressos que não davam muita atenção aos protestos, se assustaram: Giuliana Vallone, do jornal Folha de São Paulo, é acertada por uma bala de borracha no olho (ela sofreu risco de perder a visão). De acordo com seu relato<sup>57</sup>, tudo indicava que o policial que mirou tinha intuito e vontade de acertar. A ação, além de escancarar a violenta repressão da polícia durante as manifestações, feriu o que há de sagrado dentro dos órgãos de imprensa: que é um jornalista em pleno exercício da profissão em prol da informação da sociedade, com identificação e, ainda assim, ser alvo.

A partir do dia 17, dois dias depois do início da Copa das Confederações, a proporção já é nacional, com registro de manifestação em pelo menos 12 capitais, 16 cidades de interior e mais de 270 mil pessoas indo às ruas. No dia 18, dia de mais protestos, ao menos quatro governos anunciam a redução da tarifa: Cuiabá, Porto Alegre, Recife e João Pessoa. No dia 19, a tarifa em São Paulo diminui para R\$ 3,00. É neste momento que o Movimento Passe Livre de São Paulo comemora a vitória. O mesmo acontece no Rio de Janeiro: o prefeito Eduardo Paes revoga o reajuste (que iria de R\$ 2,75 para R\$ 2,95).

No entanto, as reivindicações já haviam migrado e se alastrado para outros pontos da rede, não permaneciam presas à pauta do transporte. É o que leva quase 2 milhões de pessoas a protestos no dia 20 de junho, além da comemoração. A avenida Presidente Vargas, no centro do Rio, registra mais de 300 mil manifestantes, segundo especialista da Coppe/UFRJ<sup>58</sup>, mas diversas pessoas que compareceram falavam em mais de um milhão de participantes.

---

<sup>56</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/linha-tempo-manifestacoes-2013/platb/>. Último acesso em: 20 de setembro de 2014.

<sup>57</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/multimedia/videocasts/2013/06/1296136-tv-folha-traz-relato-de-jornalista-atingida-durante-protestos-em-sp-assista.shtml>. Último acesso em: 21 de setembro de 2014.

<sup>58</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protestos-pelo-pais-tem-125-milhao-de-pessoas-um-morto-e-confrontos.html>. Último acesso em: 21 de setembro de 2014.

No dia 21 de junho, a presidente Dilma Rousseff se pronuncia em rede nacional para emitir alguns avisos, entre eles: “Eu quero dizer a vocês que foram pacificamente às ruas: eu estou ouvindo vocês! E não vou transigir com a violência e a arruaça.”<sup>59</sup> No dia 22 de junho, mais de 300 mil pessoas também vão às ruas. A partir desse dia, até o final de junho, o número de manifestantes decai (chegando a pouco mais de 4 mil no dia 29 e mais de 9 mil no último dia da Copa, 30 de junho).

Dado esse breve histórico sobre as manifestações brasileiras, com foco no mês de junho, o trabalho irá analisar a cobertura midiática das manifestações, tendo como referência esse período de maior calor e vivacidade de eventos. A questão aqui não é emitir juízo de valor sobre as duas coberturas que serão analisadas, mas, sim, observar o trabalho de ambas, tendo como base o que Castells diz sobre a contrainformação observada nos protestos analisados por ele em seu livro “Redes de indignação e esperança” e a configuração de um novo horizonte para o jornalismo.

#### **4.1. Jornal Nacional e Mídia NINJA**

Para compreender o jornalismo praticado pelas mídias tradicional e “livrista” durante as manifestações, este trabalho focou na cobertura do Jornal Nacional (JN), o telejornal de maior audiência da televisão brasileira, da emissora Rede Globo, e na Mídia NINJA, que contou com uma equipe de jovens colaboradores para fazer a cobertura ao vivo pelas ruas da cidade.

O JN é o mais visto pela população brasileira, segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia 2014<sup>60</sup>, feita pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. Suas edições acontecem de segunda a sábado, por volta das 20h da noite. Em 2014, ele completou 45 anos, tendo sua primeira edição ido ao ar no dia 1º de setembro de 1969: o primeiro telejornal do Brasil a ser transmitido em rede.

Ainda segundo a pesquisa, 45% dos entrevistados citou o JN em primeiro no ranking de telejornais mais assistidos, sendo o público feminino levemente maior que o masculino (47% contra 46,4%), com grande público na faixa etária de 46 a 55 anos. No quesito escolaridade, há dois grandes públicos: aqueles que estudaram até a 4ª série do ensino fundamental (47,2%) e aqueles com ensino superior (47,9%).

---

<sup>59</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/06/veja-e-leia-o-pronunciamento-na-tv-da-presidente-dilma-rousseff.html>. Último acesso em: 21 de setembro de 2014.

<sup>60</sup> Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/download/PesquisaBrasileiradeMidia2014.pdf>. Último acesso em: 22 de setembro de 2014.

A Mídia NINJA – Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação – é um coletivo de jornalistas independentes que nasceu em 2013 dentro do Fora do Eixo. Primeiramente, o Fora do Eixo é uma rede que já atua há mais de dez anos dentro do cenário musical do país, nascido da necessidade de oxigenação no mercado artístico e cultural, lançando e investindo em novos festivais de música, coletivos de artistas, no trabalho de cantores que estão surgindo no mercado etc. O Fora do Eixo consegue se manter<sup>61</sup> através de captação de recursos de editais públicos, que são distribuídos entre as casas coletivas do grupo pelo Brasil, e através do trabalho individual de cada morador dessas casas, que prestam serviços para fora.

Com o histórico de dez anos de atuação, elaborando meios de produção para se tornar autônomo e independente, o Fora do Eixo consegue investir em diversas frentes nas quais acredita. Depois da sólida experiência no meio artístico, eles decidiram investir dentro da área da comunicação e do jornalismo. É a partir dessa rede que nasce a Mídia NINJA, mas hoje muitas pessoas que a constituem não necessariamente fazem parte do Fora do Eixo.

A primeira cobertura em tempo real dos ninjas (como são chamadas as pessoas que estão nas ruas cobrindo os protestos) foi no Fórum Social Mundial, na Tunísia, em março de 2013. Eles já haviam praticado a cobertura independente na Marcha da Liberdade, realizada em São Paulo no ano de 2011. E dali até 2013, a iniciativa foi tomando forma e crescendo – em qualidade e em número, somando jornalistas, fotógrafos, editores de imagem e vídeo, *social medias*, editores, redatores, entre outros colaboradores.

De acordo com um artigo<sup>62</sup> publicado no site oficial da Mídia NINJA (lançado na plataforma Oximity em 2014, já pensando na cobertura de protestos durante a Copa do Mundo), “nas manifestações que tomaram as ruas de várias capitais, [a Mídia NINJA] ganhou maior visibilidade e chegou a picos de audiência de mais de 120 mil espectadores”. Na marca dos ibopes oficiais, isso significa 1,2 de ibope, número que diversos programas da TV aberta não conseguem atingir.

Os equipamentos da cobertura são: smartphone potente com um plano de dados 4G ou 3G que permita a transmissão ao vivo, um computador dentro da mochila, que dá

---

<sup>61</sup> Disponível em: <http://tvcultura.cmais.com.br/rodaviva/roda-viva-recebe-idealizadores-do-grupo-midia-ninja>. Último acesso em: 22 de setembro de 2014. Entrevista concedida pelo jornalista Bruno Torturra e o produtor cultural Pablo Capilé ao programa Roda Viva, em 5 de agosto de 2013, em que explicam como surgiu a Mídia Ninja, como se mantém, sua relação com o Fora do Eixo, entre outros assuntos.

<sup>62</sup> Disponível em: <https://ninja.oximity.com/article/M%C3%ADdia-NINJA-vira-tema-de-livro-j-1>. Último acesso em: 23 de setembro de 2014.

maior autonomia de bateria ao celular quando conectado ao cabo USB, bem como permite um fluxo de descarregamento de materiais (imagens e vídeos) para que o que foi gravado e presenciado não corra risco de se perder (Figura 1 – Filipe Peçanha: ninja em ação). A plataforma/aplicativo utilizado para a gravação era o Twitcasting, ferramenta gratuita de transmissões ao vivo para celular. Eles também faziam uso de outras plataformas, como Google Hangout, Twitcam, Livestream e Ustream, sendo que cada uma servia para um fim específico. Em post divulgado no twitter, eles explicam como é possível realizar uma transmissão da rua (Anexo I – Como gravar ao vivo?, p. 76).

Figura 1 – Filipe Peçanha: ninja em ação



Messeder (In DOURADO & LIMA, 2014) aponta para uma evidência nítida ao longo dos protestos: a condenação à figura do jornalista. De fato, os profissionais vinculados à Rede Globo<sup>64</sup> eram os mais criticados e, constantemente, expulsos das manifestações a gritos. O autor expõe que a vinculação dessas pessoas às empresas que as empregam, as faz perder credibilidade e objetividade junto aos manifestantes.

Não cabem generalizações, mas alguns episódios ficaram marcados e foram amplamente veiculados na internet. É o caso, por exemplo, do jornalista investigativo e de direitos humanos Caco Barcellos (Rede Globo), que, durante a gravação de seu

---

<sup>63</sup> Disponível em: <https://ninja.oximity.com/article/M%C3%ADdia-NINJA-vira-tema-de-livro-j-1>. Último acesso em: 12 de novembro de 2014.

<sup>64</sup> A TV Globo, ao longo dos protestos, foi muito vinculada ao seu passado, por ter sido uma emissora que apoiou o início da ditadura brasileira. Em 2013, com as reclamações e a pressão da sociedade sobre esse assunto, mais exatamente no dia 31 de agosto, o Jornal Nacional emitiu um editorial declarando que o apoio editorial ao golpe foi um erro. Mesmo com todos os problemas, a Globo, pelo nome, por sua história em território brasileiro e por seus produtos, ainda atrai muitos jornalistas. Afinal, ela é a maior empresa de comunicação do país.

programa “Profissão Repórter”, precisou esperar que as pessoas que pediam pela sua expulsão se acalmassem para que ele e sua equipe pudessem trabalhar.<sup>65</sup>

A tensão entre a mídia tradicional, comumente associada a interesses de poderosos e ao grande capital ao longo dos protestos, e a da mídia alternativa ofereceu uma configuração curiosa de cenário. Messeder (In DOURADO & LIMA, 2014) explica que valeu mais “o relato de quem foi lá, viu e contou o que viu, sem se preocupar com qualidade das fontes, objetividade etc., problemas tão caros aos jornalistas e tão intensamente discutidos por eles” (p. 18).

#### **4.1.1. O jornalismo online e digital de Mark Deuze**

Mark Deuze é um pesquisador holandês, professor de estudos de mídia na Universidade de Amsterdam, que desenvolveu uma classificação teórico-metodológica para jornalismo online e digital, enquadrando quatro categorias dentro desse universo. Seu estudo (2003) orientou este trabalho quanto à análise de conteúdo dos vídeos, servindo de referência e contextualização.

Sua classificação é explicada como: 1) sites de empresas de mídia tradicionais, 2) sites agregadores de notícias, 3) sites que acabam “vigiando” a mídia e sites “alternativos” que geram uma reflexão crítica sobre a grande mídia e 4) sites de compartilhamento e comentários.

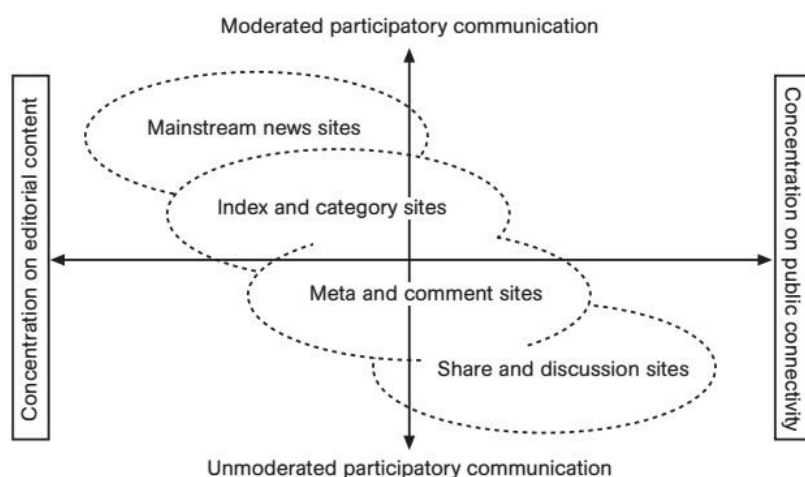
Para chegar a esta classificação, Deuze parte da relação entre conteúdo que foca em questões editoriais e conteúdo voltado para a conectividade do público, diametralmente opostos, e comunicação participativa (participação do leitor) moderada e não moderada. A figura abaixo explica seu pensamento:

---

<sup>65</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9COUiLTteeA>. Último acesso em: 15 de setembro de 2014.



Figura 2 – Esquema de Mark Deuze



66

É interessante notar que Deuze sugere uma abordagem mais qualitativa e de compreensão do conteúdo jornalístico encontrado na internet, exatamente o que este trabalho propõe. O próprio autor oferece alguns exemplos (DEUZE, 2003) de sites para cada categoria. Na primeira, por exemplo, o portal da CNN<sup>67</sup> se encaixa no primeiro modelo, já que gera notícias próprias para a web, além de divulgar ali o conteúdo exibido em seu canal de televisão.

Muito embora o Jornal Nacional seja um telejornal, os vídeos captados para análise estão todos disponíveis no site oficial do JN, o que já dá uma pista sobre em qual elipse ele se encaixaria: certamente na primeira, mesmo que seu conteúdo em web seja mera reprodução e sistema de arquivo para o que é transmitido a milhares de brasileiros diariamente. Sua versão online é, portanto, condizente com a categoria de sites de mídia tradicionais.

No segundo modelo, ele destaca sites de busca (Google) e sites de profissionais que disponibilizam links para sites de jornalismo especializado e de nicho. Daí vem a nomenclatura “sites de categorias e index”, que, como aponta o autor, costumam não gerar muito conteúdo editorial original, mas podem, sim, ter conteúdo próprio.

Já na terceira e quarta categorias, começamos a enxergar um pouco do jornalismo praticado pela Mídia NINJA. Na primeira, Deuze deixa claro que sites como

66

Disponível

em:

<https://drive.google.com/folderview?id=0BzyGAFnJGpZcNF9EMEU0ejVSc28&usp=sharing#list>.

Último acesso em 25 de setembro de 2014. Tradução da autora: Como explicados em parágrafo anterior, os sites envoltos numa elipse, de cima para baixo, são: sites de mídia dominante, sites de categoria e agregadores de outros links, sites de metajornalismo e de comentários e sites de compartilhamento e discussão.

<sup>67</sup> Disponível em: <http://edition.cnn.com/>. Último acesso em: 25 de setembro de 2014.

o Observatório da Imprensa<sup>68</sup> (no caso do Brasil), que “vigiam” o que a mídia *mainstream* faz (entre outras atividades), e sites de mídia alternativa, que buscam divulgar conteúdo não visto naquele divulgado pela grande mídia, representam um tipo de metajornalismo (jornalismo sobre jornalismo) e oferecem mais espaço para a participação do público.

Essas duas opções, por sua vez, realmente se propõem a falar e comentar o próprio jornalismo (coberturas de outros veículos), como é visto o trabalho dos observatórios. Ou, no caso de sites de mídia alternativa, por retratarem e captarem um ângulo que não está sendo explorado, põem em questionamento o jornalismo praticado pela mídia tradicional, tangenciando a esfera do metajornalismo por suscitar o debate entre um e outro (muito embora eles não se pretendam metajornalismo assim como os sites “vigilantes”). Neste último caso, enxerga-se o trabalho realizado pela NINJA.

Por último, a quarta categoria, mais explicada por Deuze teoricamente, remete a sites onde o relacionamento entre os usuários e a livre participação representa bem essa modalidade de jornalismo online. Fóruns de discussão, sites construídos coletivamente (Wikipedia), redes sociais (Facebook), espaços para divulgação de conteúdos próprios (Youtube, MySpace e blogs) entram na lista.

É interessante notar que essa visão de Deuze abraça outras visões de jornalismo, potencializadas e destravadas com o surgimento da internet. O questionamento sobre uma nova forma de jornalismo será tratado sucintamente ao final deste capítulo: não é o intuito questionar longamente as categorias do autor. No entanto, sua perspectiva (mais especificamente a classificação que engloba o jornalismo praticado pelos ninjas) orienta na hora de traçar um paralelo com o jornalismo da mídia tradicional, evidenciando as diferenças e mesmo as semelhanças.

#### **4.1.2. Considerações da análise**

Antes de dar início à análise pretendida, cabem algumas considerações. De um lado, temos um telejornal passado em rede nacional para milhões de brasileiros, cujas reportagens estão disponíveis num site<sup>69</sup> oficial. Todos os vídeos do JN analisados foram coletados no arquivo deste portal.

---

<sup>68</sup> Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/>. Último acesso em: 25 de setembro de 2014.

<sup>69</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/index.html>. Último acesso em: 24 de setembro de 2014.

O canal principal em que a Mídia NINJA veiculava seus vídeos em streaming (tecnologia utilizada por eles para transmitir em tempo real das ruas) era o <http://pt.twitcasting.tv/midianinja/>. Por meio de seus perfis no Facebook e Twitter, o grupo divulgava links pelos quais os internautas poderiam acessar a transmissão. Esse link direcionava para a página do twitcasting, onde era possível apenas assistir ao vídeo ou se logar na página, como usuário, e fazer comentários na parte direita do site (uma espécie de muro de comentários que se autoatualiza).

Há outros canais de streaming da Mídia NINJA, como [midianinja\\_rj](#)<sup>70</sup>, [ninja2rj](#)<sup>71</sup> e os canais de outros estados, como descrito no site<sup>72</sup> da Mídia NINJA na plataforma Oximity. O atual trabalho tomou como referência apenas o principal, cujo volume de registros atuais no histórico consta de 1251<sup>73</sup> transmissões. Acredita-se que o *modus operandi* da Mídia NINJA não muda de acordo com o canal, mas mudam os personagens, o ângulo de filmagem, o ninja que narra os acontecimentos e a situação. Neste sentido, como não há diferença de estilo e de “linha editorial”, já que todos os colaboradores da Mídia NINJA estão ali com o mesmo propósito, observou-se apenas um canal, majoritariamente, para fazer a comparação de conteúdo com os vídeos do Jornal Nacional, elaborando, assim, questionamentos e referências.

Há, ainda, mais uma observação: no início das manifestações, mais exatamente no período que este trabalho pretende tomar como referência (15 a 30 de junho), a Mídia NINJA fazia suas transmissões pelo site Pós TV<sup>74</sup>, que, no momento em que este trabalho está sendo escrito, não guarda os arquivos do ano de 2013. A Pós TV era constantemente divulgada pelo canal da Mídia NINJA no Facebook (Anexo II – Pós TV, p. 77)<sup>75</sup> e se utilizava da plataforma do Twitcasting. Sendo assim, o trabalho deu maior enfoque aos vídeos disponíveis no canal principal de streaming do Twitcasting (/midianinja), cujo primeiro vídeo registrado é do dia 27 de junho.

---

<sup>70</sup> Disponível em: [http://twitcasting.tv/midianinja\\_rj](http://twitcasting.tv/midianinja_rj). Último acesso em: 24 de setembro de 2014.

<sup>71</sup> Disponível em: <http://twitcasting.tv/ninja2rj>. Último acesso em: 24 de setembro de 2014.

<sup>72</sup> Disponível em: <https://ninja.oximity.com/article/Coberturas-em-tempo-real-1>. Último acesso em: 24 de setembro de 2014. Além do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Pará também têm um site próprio no twitcasting.

<sup>73</sup> Dado atualizado em setembro de 2014.

<sup>74</sup> Disponível em: <http://postv.org/>. Último acesso em: 25 de setembro de 2014.

<sup>75</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.264997983658354.1073741880.164188247072662&type=3>. Último acesso em: 25 de setembro de 2014.

### 4.1.3. Análise do Jornal Nacional

Na reportagem do dia 15 “Insatisfação com transporte público em SP é a maior em 26 anos de pesquisas”<sup>76</sup>, que dura 3’24”, a apresentadora Patrícia Poeta começa falando que as manifestações pelo aumento das passagens têm um reflexo direto no trânsito das grandes cidades. A repórter Graziela Azevedo, logo no início do vídeo, aborda a situação de insatisfação de paulistanos frente ao transporte público da metrópole. Ao comentar sobre o Rio, ela destaca que cariocas têm queixas contra as longas viagens e o treinamento ruim dos motoristas. Além disso, comenta que o metrô é pequeno para uma cidade turística.

Na edição do dia 15, a nota coberta (pequena passagem de imagens que ganha a narração do apresentador) “Protesto em Niterói (RJ) tem confusão e PM lança bombas de efeito moral”<sup>77</sup> de 31” também mostra que houve “confusão” em protesto na noite do dia 14. Segundo o vídeo, “manifestantes seguiam em passeata de maneira pacífica, mas o tumulto começou quando decidiram fechar o trânsito”. A polícia entrevistou com bombas de efeito moral e balas de borracha e, ainda, como fonte, diz que a ação foi necessária porque o grupo não seguiu as orientações da corporação.

No dia 17, uma segunda-feira, diversos protestos grandes aconteceram pelo país. Numa passagem do Plantão da Globo<sup>78</sup>, que é gravado à tarde, Patrícia Poeta, na redação, chama a repórter Bette Lucchese, que está sobrevoando a Candelária. Ela diz que, desde 16h, manifestantes se concentram no local: são diversos grupos que, a todo momento, chegam com faixas, cartazes e bandeiras do Brasil. Bette afirma que aquele é mais um ato contra “o aumento do custo de vida, pacífico, que, até aquele momento, não trazia nenhuma complicação ao trânsito”. A PM, segunda ela, acompanha a distância. A passagem dura 39”.

Já na edição normal do JN, de 21 vídeos, 15 falam sobre as manifestações do dia. Há, ainda, um vídeo editorial narrado por Patrícia Poeta (o âncora William Bonner

---

<sup>76</sup> “Insatisfação com transporte público em SP é a maior em 26 anos de pesquisas”. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/insatisfacao-com-transporte-publico-em-sp-e-a-maior-em-26-anos-de-pesquisas/2637345/>. Último acesso em: 26 de setembro de 2014.

<sup>77</sup> “Protesto em Niterói (RJ) tem confusão e PM lança bombas de efeito moral”. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/protesto-em-niteroi-rj-tem-confusao-e-pm-lanca-bombas-de-efeito-moral/2637335/>. Último acesso em: 27 de setembro de 2014.

<sup>78</sup> “Manifestantes levam faixas e cartazes para a Candelária”. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/manifestantes-levam-faixas-e-cartazes-para-a-candelaria/2639517/>. Último acesso em: 27 de setembro de 2014.

está acompanhando a seleção brasileira de futebol), no qual diz: “A TV Globo vem cobrindo as manifestações desde o seu início e sem nada a esconder. Os excessos da polícia, as reivindicações do Movimento Passe Livre, o caráter pacífico dos protestos e quando houve depredações e destruição de ônibus. É nossa obrigação e dela não nos afastaremos. O direito de protestar pacificamente é um direito dos cidadãos”.

Sobre o Rio, há outros dois vídeos no mesmo dia. Com 3’24”, “Manifestação reúne 100 mil pessoas e se espalha pelo centro do Rio de Janeiro”<sup>79</sup> é apresentado pela repórter Bette Lucchese (ver Anexo III – Frame 1 do Jornal Nacional, p. 77). O primeiro entrevistado, um jovem que aparenta ter 17 anos, não é identificado, assim como o segundo e o terceiro, também homens, que comentam sobre o caráter não violento do ato e as pautas reivindicadas (transporte, saúde e educação). A jornalista informa que a concentração começou às 16h, na Candelária, e, às 17h30, a passeata começou. Já no helicóptero, dizendo ter visão privilegiada, ela acompanha a tomada da avenida Rio Branco por milhares de pessoas. Segundo a PM, 10 mil pessoas compareceram, mas o Jornal Nacional consultou um especialista da UFRJ, que calculou mais de 100 mil pessoas. Logo em seguida, ao vivo, Bette volta a dar informações, sobrevoando a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj), dizendo que, ao fim de um protesto pacífico de mais de quatro horas, um pequeno grupo de cerca de 300 pessoas transformou a rua numa praça de guerra e jogou coquetéis Molotov no prédio da Alerj, onde 80 policiais estariam presos e sendo ameaçados por manifestantes. Além das três fontes iniciais, nenhuma outra é ouvida.

No dia 18, dos 30 vídeos, 26 falam, já no título, sobre as manifestações do país. É curioso notar que dois deles mostram a opinião do presidente da Fifa e do então técnico da Seleção Brasileira de Futebol, Luiz Felipe Scolari, sobre as manifestações. Sobre o Rio, há quatro vídeos. Um quinto vídeo<sup>80</sup> mostra que as manifestações estão ganhando destaque na imprensa internacional, principalmente no The New York Times, na CNN e na rede de TV britânica Sky News. Dois vídeos importantes também merecem destaque por anunciar a redução de passagens em quatro capitais brasileiras (Porto Alegre/RS, Cuiabá/MT, João Pessoa/PB, Recife/PE).

---

<sup>79</sup> “Manifestação reúne 100 mil pessoas e se espalha pelo centro do Rio de Janeiro”. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/manifestacao-reune-100-mil-pessoas-e-se-espalha-pelo-centro-do-rio-de-janeiro/2640018/>. Último acesso em: 28 de setembro de 2014.

<sup>80</sup> “Protestos no Brasil ganham destaque na imprensa internacional”. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/protestos-no-brasil-ganham-destaque-na-imprensa-internacional/2642221/>. Último acesso em: 28 de setembro de 2014.

Voltando ao Rio, o primeiro vídeo, “Milhares de pessoas fazem passeata pacífica e histórica no Rio de Janeiro”<sup>81</sup>, com 2’46’’, retoma a passeata do dia 17, com os fatos mais importantes, também narrado por Bette Lucchese. O vídeo apresenta algumas imagens repetidas do dia anterior, cinco fontes, sendo quatro civis (não identificados) e um antropólogo da PUC-Rio, devidamente identificado. A segunda, “Grupo de manifestantes depreda centro histórico do Rio de Janeiro”<sup>82</sup>, com 3’12’’, começa a ser apresentado por William Bonner, que diz que um pequeno grupo vandalizou o centro histórico da cidade.

O repórter Paulo Renato Soares mostra as imagens de “manifestantes radicais” que travam um embate com um grupo de policiais em frente à Alerj. Os PMs buscam refúgio dentro do prédio. Segundo o repórter, embora algumas pessoas pedissem paz, o grupo que partiu para o vandalismo e violência tinha entre 300 e 500 pessoas. O vídeo segue mostrando a tentativa de linchamento a um PM, que é socorrido por colegas. A polícia faz uso de arma de fogo para manter os manifestantes afastados, e o repórter informa que a iniciativa é condenada por especialistas em contenção de distúrbios. Em sua passagem, Paulo Renato está dentro de uma agência mostrando que ela foi depredada e informa que outros policiais foram encurralados ali dentro. Uma senhora, que participou da manifestação na av. Rio Branco, entra no vídeo para dizer “que aqueles meninos não nos representam”. Outra fonte, um moço que aparenta ter 16 anos, diz que com violência o objetivo do movimento não será alcançado. O vídeo termina mostrando a chegada da Tropa de Choque da PM e dizendo que os manifestantes fugiram.

O terceiro vídeo, “Sérgio Cabral diz que está aberto para ouvir manifestantes”<sup>83</sup>, já começa informando que o dia seguinte (dia 18) serviu para apagar as marcas de vandalismo do dia anterior (comentado duas vezes). Em 2’28’’, a repórter Lília Teles mostra as imagens da Alerj por dentro e por fora. O Relações Públicas da PM do Rio (ver Anexo IV – Frame 2 do Jornal Nacional, p. 78), Frederico Caldas, é usado como fonte para explicar em que momento a Tropa de Choque foi necessária. Outras duas

---

<sup>81</sup> “Milhares de pessoas fazem passeata pacífica e histórica no Rio de Janeiro”. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/milhares-de-pessoas-fazem-passeata-pacifica-e-historica-no-rio-de-janeiro/2642193/>. Último acesso em: 28 de setembro de 2014.

<sup>82</sup> “Grupo de manifestantes depreda centro histórico do Rio de Janeiro”. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/grupo-de-manifestantes-depreda-centro-historico-do-rio-de-janeiro/2642197/>. Último acesso em: 28 de setembro de 2014.

<sup>83</sup> “Sérgio Cabral diz que está aberto para ouvir manifestantes”. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/sergio-cabral-diz-que-esta-aberto-para-ouvir-manifestantes/2642200/>. Último acesso em: 29 de setembro de 2014.

fontes de rua, não identificadas, comentam que “vandalismo” não representam o movimento e que quebrar não é protestar, mas, sim, falar. O prefeito Eduardo Paes aparece para dizer que convidou líderes dos manifestantes para uma conversa e que reconhece as pessoas que foram às ruas de maneira ordeira. O então governador do Rio, Sérgio Cabral, também comenta: “Viva a democracia. Viva as manifestações pacíficas e respeitadas”.

O quarto vídeo, “Manifestantes fazem protesto pacífico em São Gonçalo, no Rio de Janeiro”<sup>84</sup>, é acompanhado, ao vivo, pela repórter Tatiana Nascimento, que sobrevoa a região. Ela diz que cerca de 5 mil manifestantes, à tarde, se manifestaram pacificamente, até que um grupo pequeno decidiu interditar o trânsito e queimar lixo. A PM se manteve afastada, e “os demais manifestantes que queriam reivindicar sem violência conseguiram evitar o confronto”.

No dia 19, há 18 vídeos (de 30) sobre protestos. É um dia importante porque o prefeito Eduardo Paes anuncia a redução das tarifas no Rio de Janeiro (São Paulo também reduz). “Eduardo Paes anuncia redução no preço das passagens no Rio”<sup>85</sup>, tem 2’45” e começa numa coletiva de imprensa, onde Paes está anunciando a revogação do reajuste e explicando que a prefeitura precisará realizar cortes de gastos. Em nota, o governo do Estado também anuncia a mesma medida para trens, barcas e metrô. Em Niterói, uma manifestação, segundo a repórter Bette Lucchese a segunda em menos de uma semana, começa pacífica e, depois, um grupo pequeno acaba provocando a interdição da Ponte Rio-Niterói pela Polícia Rodoviária Federal.

Há cinco vídeos falando sobre a interdição da Ponte, mas o maior, com 1’20”, é “Trânsito na Ponte Rio-Niterói é liberado”<sup>86</sup>, em que Paulo Renato Soares sobrevoa o local e diz que a polícia conseguiu afastar a “minoridade radical de manifestantes, que partiu para o vandalismo e a violência”. Ele também mostra um policial que dispara vários tiros de bala de borracha contra pessoas que tentava prender.

O dia 20 traz 24 vídeos de 27 falando sobre as manifestações. Neste dia, uma grande passeata tomou a avenida Presidente Vargas, no centro do Rio. Em “Protesto no

---

<sup>84</sup> “Manifestantes fazem protesto pacífico em São Gonçalo, no Rio de Janeiro”. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/manifestantes-fazem-protesto-pacifico-em-sao-goncalo-no-rio-de-janeiro/2642201/>. Último acesso em: 29 de setembro de 2014.

<sup>85</sup> “Eduardo Paes anuncia redução no preço das passagens no Rio”. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/eduardo-paes-anuncia-reducao-no-preco-das-passagens-no-rio/2644386/>. Último acesso em: 30 de setembro de 2014.

<sup>86</sup> “Trânsito na Ponte Rio-Niterói é liberado”. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/transito-na-ponte-rio-niteroi-e-liberado/2644411/>. Último acesso em: 30 de setembro de 2014.

Rio termina em confronto entre manifestantes radicais e Polícia”<sup>87</sup> (3’31’’), a repórter Lília Teles, de um helicóptero ao vivo, informa que manifestantes mais agressivos quebraram placas, incendiaram objetos e travaram um embate com a PM em frente à prefeitura do Rio. Os manifestantes que levaram cartazes (ver Anexo V – Frame 3 do Jornal Nacional, p. 78) acabaram voltando para a Candelária, para escapar do confronto e do alcance das balas de borracha. Bette Luchese também entra ao vivo, sobrevoando, para dar informações sobre a barreira da Tropa de Choque que se formou em determinando ponto da avenida para impedir que manifestantes “mais exaltados e radicais” avançassem.

O segundo, “Manifestantes do Rio são obrigados a voltar para a Candelária”<sup>88</sup>, Lília Teles, do alto de um prédio, explica que, pela ação de vândalos (mencionados três vezes), o grupo de manifestantes precisou recuar e buscar rotas para escapar da confusão. Porém, as estações de metrô do centro, salvo duas, estavam fechadas. Já em “Manifestantes radicais ateam fogo em cabine da Polícia Militar, no Rio de Janeiro”, Lília volta, de novo em um helicóptero, para dar informações sobre “manifestantes mais agressivos e mais exaltados” que puseram fogo em uma cabine perto da Central do Brasil e em outros pontos da avenida. Estes dois últimos vídeos têm cerca de um minuto.

No dia 21, a repercussão sobre a manifestação do dia 20 continua: “Manifestação reúne mais de 300 mil pessoas no Rio”<sup>89</sup>, com 1’49’’, é apresentado pela repórter Mônica Teixeira. Os dois primeiros entrevistados, não identificados, comentam o motivo por estarem ali. A PM estima em 300 mil o número de manifestantes, mas quem compareceu fala em um milhão. Logo em seguida, “Após início pacífico, grupo de arruaceiros parte para violência na prefeitura do Rio”<sup>90</sup>, com 1’39’’, é conduzido pelo repórter Paulo Renato Soares. Segundo ele, um grupo de provocadores ficou frente a frente com os policiais, que acabaram revidando com gás lacrimogêneo e balas de

---

<sup>87</sup> “Protesto no Rio termina em confronto entre manifestantes radicais e Polícia”. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/protesto-no-rio-termina-em-confronto-entre-manifestantes-radicaies-e-policia/2646424/>. Último acesso em: 30 de setembro de 2014.

<sup>88</sup> “Manifestantes no Rio são obrigados a voltar para a Candelária”. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/manifestantes-do-rio-sao-obrigados-a-voltar-para-a-candelaria/2646473/>. Último acesso em: 30 de setembro de 2014.

<sup>89</sup> “Manifestação reúne mais de 300 mil pessoas no Rio”. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/manifestacao-reune-mais-de-300-mil-pessoas-no-rio/2648867/>. Último acesso em: 30 de setembro de 2014.

<sup>90</sup> “Após início pacífico, grupo de arruaceiros parte para violência na prefeitura do Rio”. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/apos-inicio-pacifico-grupo-de-arruaceiros-parte-para-violencia-na-prefeitura-do-rio/2648872/>. Último acesso em: 30 de setembro de 2014.



borracha para dispersar a multidão. Paulo Renato destaca um grupo de manifestantes mais violentos e diz que os arruaceiros foram os responsáveis por outros pontos de ataque na avenida Presidente Vargas, provocando estragos por onde passavam.

O terceiro vídeo, com 4'08'', “Imagens exclusivas mostram momentos de vandalismo em protesto do Rio”<sup>91</sup>, é impressionante pelo tamanho do vídeo, que não traz nenhum repórter mediando e apresentando – ou dando qualquer informação relevante e complementar. O vídeo apresenta um gráfico com alguns pontos do centro da cidade onde houve grupos de manifestantes que saquearam lojas e quebraram vitrines e espaços públicos. A cada parte da cidade, apenas imagens e mais imagens das ações desses manifestantes, sem nenhuma entrevista, nenhuma intervenção da equipe de filmagem. O quarto vídeo, “Secretário de Segurança do Rio de Janeiro afirma que o Exército pode ser acionado”<sup>92</sup> (2'53''), de Mônica Sanches, inicia confirmando que o rastro de destruição de patrimônio no Rio pode chegar a um milhão de reais. Dois entrevistados iniciais, que chegaram para trabalhar no centro do Rio e desaprovaram as cenas de “vandalismo”, são identificados, uma secretária e um segurança de hotel. Representantes das manifestações são entrevistados e afirmam que bandidos se infiltraram nos protestos e que a hora é de avaliar o movimento. Eles também são identificados. Por último, José Mariano Beltrame afirma que tomará providências necessárias para proteger a integridade física das pessoas e o patrimônio público, bem como Eduardo Paes e Sérgio Cabral, em coletiva de imprensa, dizem que não aceitarão atos de depredação e violência.

Também no dia 21, Bette Lucchese, em cerca de 40 segundos, sobrevoa a casa do então governador Sérgio Cabral, onde manifestantes começaram a protestar e a acampar, vaiando e entoando cantos. O quinto vídeo, “Representantes do Movimento Passe Livre anunciam fim dos protestos em São Paulo”<sup>93</sup>, mesmo não sendo sobre o Rio, é importante por trazer um depoimento de um representante do MPL que explica que, após a revogação do reajuste, o grupo não convocará mais protestos porque o objetivo foi alcançado. O dia 21 traz 23 vídeos sobre as manifestações (de 28 no total).

---

<sup>91</sup> “Imagens exclusivas mostram momentos de vandalismo em protesto do Rio”. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/imagens-exclusivas-mostram-momentos-de-vandalismo-em-protesto-do-rio/2648889/>. Último acesso em: 30 de setembro de 2014.

<sup>92</sup> “Secretário de Segurança do Rio de Janeiro afirma que o Exército pode ser acionado”. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/secretario-de-seguranca-do-rio-de-janeiro-afirma-que-o-exercito-pode-ser-acionado/2648895/>. Último acesso em: 30 de setembro de 2014.

<sup>93</sup> “Representantes do Movimento Passe Livre anunciam fim dos protestos em São Paulo”. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/representantes-do-movimento-passe-livre-anunciam-fim-dos-protestos-em-sao-paulo/2648964/>. Último acesso em: 30 de setembro de 2014.

O dia 22 de junho, com 31 vídeos do JN, traz 19 sobre as manifestações, sendo um sobre o Rio de Janeiro: “Manifestantes acusam a polícia de abusos em manifestação no Rio de Janeiro”<sup>94</sup>, com 3’43”. Na manifestação do dia 20, estudantes acabaram se refugiando em um campus da UFRJ no centro. Dois deles foram ouvidos na reportagem e identificados – uma aluna, inclusive, leu um manifesto assinado por todos os estudantes que viram e condenaram os abusos policiais. Outras cinco fontes são ouvidas e identificadas, relatando casos em que a polícia agiu de forma despreparada, covarde e mirando em qualquer cidadão com armas não letais.

O dia 24, uma segunda-feira, com 25 vídeos, apresenta 14 vídeos sobre os protestos. Um deles é muito importante (“Dilma Rousseff propõe cinco pactos nacionais”) por mostrar a repercussão do pronunciamento da presidente em rede nacional do dia 21. Apenas um pequeno vídeo é sobre o Rio: “Manifestantes voltam às ruas no Rio de Janeiro”<sup>95</sup>, com 39”, é uma nota coberta narrada por William Bonner, que explica que uma pequena manifestação foi vista no início da tarde em frente à Igreja da Candelária, reunindo 2 mil pessoas que depois fizeram passeata pela avenida Rio Branco, pedindo o arquivamento da PEC 37<sup>96</sup> e mais investimentos para saúde e educação.

No dia 25, “Moradores das favelas da Rocinha e do Vidigal pedem melhorias no Rio de Janeiro”<sup>97</sup> é o vídeo que fala sobre o Rio. De 17 vídeos, 14 falam sobre as manifestações ou sobre as propostas e repercussões do pronunciamento da presidente Dilma Rousseff em resposta aos protestos. Voltando ao vídeo, a repórter Bette Lucchese, acompanhando a passeata dos moradores de cima, informa que o grupo esbarrou com as pessoas que acampavam em frente ao apartamento do então governador Sérgio Cabral desde sexta (21) e, também, a moradores do Vidigal a caminho do Leblon. O repórter Paulo Renato Soares também foi ao protesto para entrevistar moradores, não identificados, que pediam saneamento básico em vez de obras como o Teleférico da Rocinha.

---

<sup>94</sup> “Manifestantes acusam a polícia de abusos em manifestação no Rio de Janeiro”. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/manifestantes-acusam-a-policia-de-abusos-em-manifestacao-no-rio-de-janeiro/2650588/>. Último acesso em: 30 de setembro de 2014.

<sup>95</sup> “Manifestantes voltam às ruas no Rio de Janeiro”. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/manifestantes-voltam-as-ruas-no-rio-de-janeiro/2653105/>. Último acesso em: 30 de setembro de 2014.

<sup>96</sup> Proposta de Emenda à Constituição que tinha como conteúdo retirar o poder de investigação do Ministério Público.

<sup>97</sup> “Moradores das favelas da Rocinha e do Vidigal pedem melhorias no Rio de Janeiro”. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/moradores-das-favelas-da-rocinha-e-do-vidigal-pedem-melhorias-no-rio-de-janeiro/2655461/>. Último acesso em: 30 de setembro de 2014.

Como no dia 26 não há vídeos sobre o Rio, a análise foi até o dia 27, quinta-feira, que traz dois vídeos curtos: “Governador do Rio recebe grupo de manifestantes”<sup>98</sup> e “Milhares de pessoas fazem ato pacífico no centro do Rio”<sup>99</sup>. O primeiro se trata de uma nota narrada por William Bonner, com duas fontes identificadas: um estudante que representa um grupo que deixou de acampar na porta do prédio do governador (que foi recebido por Cabral) e outra moça que ainda fazia parte do acampamento afirmando que não sabia até quando ele iria durar. O segundo, do repórter Paulo Renato Soares, com 1’31”, acompanha o protesto do dia 26, de forma resumida, destacando grupos que participaram (estudantes, índios e bombeiros, p. ex.) e entrevistando dois manifestantes que explicaram por quais motivos protestavam. Cinco mil manifestantes fizeram o caminho até a sede da Fetranspor, no centro da cidade.

Os dias 28 e 29 também não apresentam vídeos sobre o Rio. O que nos leva até o dia 1º de julho, segunda-feira. No dia 30, no estádio do Maracanã, a seleção brasileira jogava a final contra a Espanha pela conquista do campeonato. Diversos protestos foram marcados pelo país, mas, no Rio de Janeiro, aconteceu um grande ato que se iniciou na Praça Saens Peña, zona norte da cidade. Ali, diversos manifestantes se reuniram para caminhar até o Maracanã, por volta das 19h, horário em que o jogo estava marcado. No dia primeiro de julho, o Jornal Nacional deu ampla cobertura à vitória do Brasil sobre a Espanha. A reportagem que fala sobre as manifestações, “Protestos próximos ao Maracanã terminam em confusão”<sup>100</sup>, tem 1’46” e foi feita pela jornalista Mônica Sanches.

A repórter, do alto de um prédio, informa que manifestantes se aproximaram da barreira próxima ao Maracanã, formada pelo Batalhão de Choque da Polícia Militar para impedir confrontos durante o jogo e, principalmente, na saída dos torcedores. As imagens do vídeo mostram manifestantes gritando palavras em coro contra a polícia. A repórter destaca que a tropa manteve a calma até o momento em que manifestantes com rostos cobertos avançaram com pedras e paus em mãos. O enfretamento começou, com bombas de efeito moral sendo lançadas pela polícia. A jornalista destaca que vândalos

---

<sup>98</sup> “Governador do Rio recebe grupo de manifestantes”. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/governador-do-rio-recebe-grupo-de-manifestantes/2660015/>. Último acesso em: 30 de setembro de 2014.

<sup>99</sup> “Milhares de pessoas fazem ato pacífico no centro do Rio”. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/milhares-de-pessoas-fazem-ato-pacifico-no-centro-do-rio/2660011/>. Último acesso em: 30 de setembro de 2014.

<sup>100</sup> “Protestos próximos ao Maracanã terminam em confronto”. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/protestos-proximo-ao-maracana-termina-e-confusao/2666321/>. Último acesso em: 30 de setembro de 2014.

começaram a depredar espaços públicos, como pontos de ônibus, e que muitas pessoas ficaram feridas. Uma parte do grupo de manifestantes resolveu hostilizar quem assistia ao jogo nos bares da localidade. Ao final da reportagem, ela informa que os policiais apreenderam 17 coquetéis Molotov, enquanto duas pessoas foram presas por desacato à autoridade e liberadas em seguida.

#### 4.1.4. Análise da Mídia Ninja

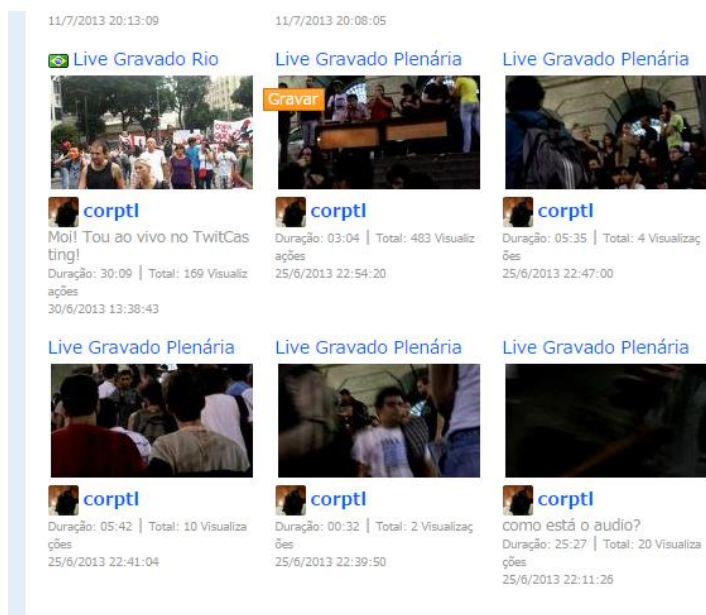
Em contato com a Mídia Ninja pelo e-mail [midianinja@gmail.com](mailto:midianinja@gmail.com), foi possível descobrir que uma das principais contas que tinha vídeos de protestos do Rio durante a Copa das Confederações foi hackeada. Os integrantes do grupo até passaram outros canais, mas que correspondem a demais estados, o que não está dentro do escopo deste trabalho. Sendo assim, a análise referente à Mídia Ninja ficou restringida, já que o canal principal e oficial (/midianinja) só começa a ter transmissões ao vivo no dia 27 de junho, com manifestações de Belo Horizonte, praticamente o final da Copa das Confederações.

No Facebook da Ninja, há cerca de quatro posts (ver Anexo VI – Posts do Facebook da Ninja, p. 79) referentes ao período de 15 a 30 de junho, mas apenas um deles traz um outro canal de streaming (*/corptl*<sup>101</sup>) de um usuário chamado Raphael Moura que tem 28 vídeos de *live* gravado. É importante explicar que a quantidade de vídeos não significa a totalidade daqueles que estão funcionando. Muitos vídeos que estão no histórico às vezes não apresentam o status de “gravar” (Figura 3 – Status “gravar” apenas em um vídeo). Sendo assim, apenas aqueles que têm essa indicação estão disponíveis para assistir e realizar download. No post, eles apenas compartilham seu link, sem explicar se Raphael é um Ninja. Neste canal, os vídeos gravados começam em 23 de junho, dia em que houve uma passeata no Rio contra a PEC 37, em Copacabana, zonal sul da cidade.

---

<sup>101</sup> Disponível em: <http://us.twitcasting.tv/corptl/show/>. Último acesso em: 5 de outubro de 2014.

Figura 3 – Status “gravar” apenas em um vídeo



102

O vídeo de maior visualização tem 408 *views*<sup>103</sup>, com 15'54'', e é uma série de quatro vídeos sobre esta passeata. Raphael estima que 2 a 5 mil pessoas estejam participando do ato. Ele acompanha e pede, no início do vídeo, que as pessoas divulguem o link da transmissão para que a polícia saiba que tudo o que acontece está sendo filmado, de modo a impedir qualquer ato de abuso por parte da corporação. Durante toda a transmissão, ele segue junto com as pessoas pela avenida Atlântica, apenas acompanhando o movimento, fazendo poucos comentários. Apenas no final do vídeo, com 20% de bateria de celular, ele afirma que vai desligar para poupar a bateria caso alguma situação mais séria, como casos de denúncia, exija a presença da transmissão ao vivo como prova concreta. Depois disso, os vídeos disponíveis não são de manifestações, mas de duas plenárias pequenas que aconteceram no centro da cidade e no campus Praia Vermelha da UFRJ.

No canal principal da Mídia NINJA, na seção 'Live Histórico', existem 19 vídeos do dia 30 de junho sobre a manifestação, mas apenas alguns estão funcionando, enquanto outros duram segundos. A duração das transmissões varia muito, com vídeos de três segundos até o de maior visualização (34.819 pessoas, que não funciona), com aproximadamente 1'09''. O primeiro vídeo é a apresentação do Ninja Filipe Peçanha

<sup>102</sup> Disponível em <http://us.twitcasting.tv/corptl/show/>. Último acesso em: 12 de novembro de 2014.

<sup>103</sup> Disponível em: <http://us.twitcasting.tv/corptl/movie/14549577>. Último acesso em: 5 de outubro de 2014.

que está presente na manifestação da Praça Saens Peña, zona norte do Rio de Janeiro, do dia 30 de junho, final da Copa das Confederações. Em 4'41'', ele começa a se movimentar no meio da multidão, esperando que ela saia em direção ao Maracanã. Ele informa que as pessoas começaram a se concentrar às 14h, mas que a saída estava marcada para as 17h.

Já no segundo vídeo<sup>104</sup>, com 14'45'', ele continua a transmissão no local. Um grupo de índios da Aldeia Maracanã mobiliza as pessoas a falar “Aldeia resiste!”, em referência ao episódio de desapropriação e quase demolição do antigo Museu do Índio por parte do governo. O local, próximo ao estádio mais famoso de futebol, foi palco de diversas brigas entre os integrantes da antiga Aldeia e a polícia do Estado. O ninja aproveita a situação para entrevistar um manifestante que estava perto do grupo de indígenas, de nome Trema, que diz que participou dos episódios de resistência da Aldeia e que, por isso, apoia a luta deles. Logo em seguida, ele informa que repórteres da Rede Globo que foram fazer a cobertura foram colocados para fora do perímetro da Praça Saens Peña. A multidão começa a andar aos gritos de “Não vai ter Copa”, e o repórter da Mídia NINJA diz que as pautas são diversas: críticas aos investimentos para eventos esportivos, saúde, não à corrupção e às remoções abusivas de pessoas. Em Belo Horizonte, segundo ele, a transmissão ao vivo completa 34 horas ininterruptas. O ninja entrevista mais dois manifestantes, devidamente identificados, que comentam como se envolveram com os protestos, entre outros assuntos diversos, como a presença de partidos durante os atos, a insatisfação da população perante a conduta da PM e o descaso do governo com as pautas públicas.

No terceiro vídeo<sup>105</sup>, com mais de 3 mil visualizações e cerca de 18 minutos, sem fazer nenhum julgamento, Filipe entrevista um black bloc que está com o rosto descoberto e que se identifica. Ele explica que o motivo pelo qual cobre o rosto é apenas para não sofrer tanto as consequências do gás lacrimogêneo, já que ele sempre fica na linha de frente. Ao ser perguntado sobre o que ele pensa a respeito das pessoas que não querem vandalismo, o integrante do black bloc é taxativo: “É melhor que elas fiquem em casa. Vandalismo é morrer em fila de hospital e não contar com educação de qualidade. A gente tem que ‘meter a cara’ mesmo. Não há outro jeito”, diz. Há outras duas entrevistas com integrantes da passeata, que duram mais de quatro minutos e

---

<sup>104</sup> Disponível em <http://us.twitcasting.tv/midianinja/movie/14854921>. Último acesso em: 5 de outubro de 2014.

<sup>105</sup> Disponível em: <http://us.twitcasting.tv/midianinja/movie/14855280>. Último acesso em: 5 de outubro de 2014.

percorrem vários assuntos. Filipe diz que, durante as transmissões da NINJA, as pessoas têm espaço para se expressarem, seja pelo contato que ele tem com as pessoas ao longo dos protestos ou pelo espaço de comentários, na internet, para quem assiste ao ‘ao vivo’. No final, ele entrevista um policial que aborda uma pessoa próxima a ele sem nenhum motivo aparente. Ele indaga ao PM o porquê da abordagem e recebe como resposta: “Ele era suspeito”. “Mas suspeito por quê?”, pergunta Filipe, que fica sem resposta.

Já no quarto vídeo<sup>106</sup>, Filipe comenta que o 4G está caindo de tempos em tempos e que, por isso, a transmissão pode ser prejudicada. Ele consegue ficar apenas um minuto filmando e volta com um quinto vídeo<sup>107</sup>, com mais de 3 mil visualizações e pouco mais de nove minutos, e já na linha de frente, com o grupo de manifestantes de rostos cobertos bem perto da barreira policial numa rua que dá acesso ao Maracanã. Impedidos de passar, os manifestantes começam a reclamar pelo direito de ir e vir e ficam frente a frente com a barreira da Força Nacional.

Filipe retorna com o sexto vídeo<sup>108</sup>, com mais de 27 mil visualizações – o maior número deste dia - e cerca de 20 minutos. Logo no início, ele anuncia que a manifestação está no momento mais delicado porque as pessoas chegaram à barreira formada pelo Batalhão de Choque, nas proximidades do Maracanã. É o mesmo momento retratado na matéria da Globo do dia 1º de julho. O Ninja informa que os policiais começaram a atirar sem dó nos manifestantes, “num ato de covardia por parte da Força Nacional”, que reprimiu com balas de borracha uma tentativa de diálogo das pessoas que estavam mais na linha de frente dos protestos. Em seguida, o Ninja fala que tem muita imprensa no local cobrindo o evento, mas somente a Mídia Ninja está transmitindo ao vivo os acontecimentos. Enquanto fala, ele narra o episódio e se aproxima da polícia, ao que um policial responde: “Mantenha distância, mantenha distância de dois metros”.

O vídeo continua e, então, Filipe começa a entrevistar um representante da Defensoria Pública (ver Anexo VII – Frame 1 da Mídia NINJA, p. 81) e se identifica. Ele pergunta ao defensor o que encadeou a ação truculenta e agressiva por parte da Força Nacional. O motivo estaria na ação dos manifestantes, que teriam jogado pedras contra os policiais. Filipe pergunta se ele estava realmente lá na hora quando tudo

---

<sup>106</sup> Disponível em: <http://us.twitcasting.tv/midianinja/movie/14855435>. Último acesso em: 5 de outubro de 2014.

<sup>107</sup> Disponível em: <http://us.twitcasting.tv/midianinja/movie/14855449>. Último acesso em: 5 de outubro de 2014.

<sup>108</sup> Disponível em: <http://pt.twitcasting.tv/midianinja/movie/14856162>. Último acesso em: 5 de outubro de 2014.

aconteceu, ao que o defensor afirma que sim. O Ninja questiona se, em algum momento, houve abuso por parte da ação da Polícia Militar. Segundo o defensor, naquele momento ele não poderia afirmar se houve, porque muitos fatos ainda seriam apurados. O Ninja Filipe termina a entrevista, agradece e começa a falar para as pessoas que o assistem que quando a polícia começou a agir, ele estava do lado e não viu nenhuma agressão por parte dos manifestantes. Ele frisa que aquela transmissão era a “final” [da Copa das Confederações] que a mídia tradicional não mostrava, dando a entender que a realidade dos fatos estava nas ruas e não dentro de um campo de futebol.

O vídeo continua e ele captura algumas imagens da entrevista do diretor da Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Rio de Janeiro, que dava um depoimento aos jornalistas no local. O representante responde que se houve qualquer abuso por parte da polícia, ele ainda seria investigado, porque num momento de tensão é muito difícil identificar se ela errou ou acertou. O vídeo termina um pouco depois, após uma tentativa sem sucesso por parte do Ninja de entrevistar algum policial militar. Numa próxima transmissão<sup>109</sup>, com 16 minutos, Filipe acompanha os comentários dos internautas para saber onde há um foco de resistência mais próximo, já que a que ele estava acompanhando se dissipou após o embate com os policiais. Ele percorre alguns pontos correndo até chegar a uma praça para pedir informações sobre outras manifestações nas imediações do estádio. A transmissão acaba caindo.

O oitavo vídeo<sup>110</sup>, com cerca de dois minutos e quase 8 mil visualizações, mostra o ninja no entorno da Praça da Bandeira, onde um grupo pequeno de pessoas conseguiu chegar o mais próximo possível da área próxima ao Maracanã. Ele informa que os manifestantes seguem pacificamente e tentam formar um cordão de isolamento na avenida onde eles se encontram. A transmissão retorna em um nono vídeo<sup>111</sup>, com pouco mais de três minutos. Filipe entrevista alguns dos manifestantes que fazem parte do grupo que tenta seguir até o estádio, perguntando se eles vêm acompanhando de perto todas as manifestações de junho e o que eles acham. Um deles responde que assistiu muitas pessoas que tentavam ajudar sendo agredidas, como médicos, advogados e outros ativistas. A transmissão cai novamente, e o ninja retorna com um novo

---

<sup>109</sup> Disponível em: <http://us.twitcasting.tv/midianinja/movie/14856363>. Último acesso em: 5 de outubro de 2014.

<sup>110</sup> Disponível em: <http://us.twitcasting.tv/midianinja/movie/14857735>. Último acesso em: 5 de outubro de 2014.

<sup>111</sup> Disponível em: <http://us.twitcasting.tv/midianinja/movie/14856162>. Último acesso em: 5 de outubro de 2014.



vídeo<sup>112</sup>, desta vez já na barreira que a Tropa de Choque conseguiu formar para que o grupo que ele acompanhava não conseguisse passar. Um rapaz (ver Anexo VIII - Frame 2 da Mídia NINJA, p. 81) conversa com integrantes da Tropa para pedir que eles deixem algumas pessoas cruzarem, já que elas querem entrar na estação do metrô São Cristovão para voltar para casa, enquanto ele, pessoalmente, quer seguir para o Maracanã para encontrar com amigos que estão no estádio. Os policiais parecem concordar que ele vá até o metrô, mas não ao Maracanã.

No último vídeo<sup>113</sup>, Filipe conversa com o oficial Eric, que pede desculpas por não poder dar entrevista e deixa claro que, além da barreira, só passa quem tem ingresso para o jogo. O Ninja também filma a sensação de vitória daquele grupo de resistência, que consegue chegar o mais próximo possível do estádio, mesmo que apenas no metrô. As pessoas conversam com ele, informando sobre a próxima passeata de terça-feira, 2 de julho, já marcando o encontro. Ele vai terminando a transmissão, dizendo que a Mídia NINJA é uma atitude de mídia livre e que qualquer pessoa que queira somar pode enviar um e-mail para o grupo, com sugestões e comentários. Ele ainda lança a reflexão: “Vimos hoje atitudes muito hostis de policiais. Não é possível que um contingente tão grande de oficiais não tenha uma tática que não seja pela violência, sem tentar reprimir pessoas que estão querendo colocar suas ideias na rua e se expressar coletivamente”.

#### **4.2. A informação como estratégia**

As duas análises mostram pontos de vista distintos. Enquanto o Jornal Nacional, com seus vídeos editados, escolhe o que mostrar e informar ao seu público, a Mídia NINJA também escolhe, nitidamente, evidenciar aquilo que a mídia tradicional não mostra, tanto é que o próprio ninja alerta sobre a final da Copa das Confederações que não estava sendo exibida, já que a imprensa estava cobrindo o interior do estádio.

O Jornal Nacional parece tornar as manifestações uma esfera bipolar: basta observar as expressões utilizadas, de forma razoavelmente intercaladas, para diferenciar quem protestava pacificamente de quem tinha uma atitude mais questionável: “pacífico(a)” vs “vandalismo”, “minoridade radical com atos de violência”, “agressivos”, “mais radicais”, “vândalos”, “arruaceiros” e “baderneiros”. A partir do dia 22 de junho,

---

<sup>112</sup> Disponível em: <http://us.twitcasting.tv/midianinja/movie/14857964>. Último acesso em: 5 de outubro de 2014.

<sup>113</sup> Disponível em: [http://us.twitcasting.tv/midiani\\_nja/movie/14858117](http://us.twitcasting.tv/midiani_nja/movie/14858117). Último acesso em: 5 de outubro de 2014.

o telejornal diminui a intensidade dessas palavras, nos vídeos do Rio de Janeiro, porque o número de manifestações na cidade vai decaindo.

Enquanto isso, os vídeos da Mídia Ninja não “condenam” as pessoas que estão na linha de frente com a polícia. Deve-se dizer que o repórter da NINJA, até respeitosamente, entrevista um dos black blocs, o questiona sobre suas atitudes, mas sem julgá-lo. A entrevista percorre sem nenhuma agressão verbal por parte dos dois, dando a voz àqueles que, na imprensa tradicional, são apenas mostrados em imagens que não têm nenhuma mediação física (vídeo do dia 21 de junho).

O Jornal Nacional mostra essa polarização, dando preferência a fontes mais oficiais (que sempre são identificadas, em detrimento de pessoas entrevistadas comumente durante os protestos), enquanto, em um único dia, a Mídia Ninja acompanha, do início ao fim, um protesto com participação intensa dos manifestantes no vídeo. Se no JN observa-se pouco debate e argumentação com quem vive as manifestações, na Mídia Ninja há o oposto: vários entrevistados, mediação com o público na internet (a exemplo do que fala Mark Deuze no jornalismo online) e tentativa de transmitir uma visão totalitária do que está acontecendo, mesmo que seja uma única pessoa filmando.

Tudo isso faz parte de uma estratégia delimitada por cada um. O Jornal Nacional pode até se dizer plural e imparcial, mas sua análise revela que determinadas imagens e determinados termos foram usados. Outros poderiam ter sido utilizados, mas aqueles foram escolhidos. O jornalismo que lida o dia inteiro com um tempo determinado – e muitas vezes apertado – recorre aos cortes e às escolhas. Mas o que determina essa escolha? Por que seu conteúdo o torna diferente de uma cobertura da mídia livre, por exemplo, que escolheu estar ao lado dos manifestantes?

Sobre isso, também é preciso deixar claro: a Mídia Ninja também escolhe para onde irá apontar sua câmera, o que ela irá filmar, mas eles avisam que estão ali para gravar o que não passará na TV comum e para serem uma prova ocular de abusos e situações díspares. É com essa estratégia informacional que ambos conseguem atingir seus objetivos: informar e consolidar imagens nas mentes das pessoas (a dos pacíficos e a dos vândalos, bem como, do outro lado, a do despreparo policial e o descaso do governo). Como afirma Castells (2009, p. 396): “...na sociedade rede, a batalha das

imagens e dos marcos mentais, origem da luta por mentes e almas, se resolve nas redes de comunicação multimídia”<sup>114</sup>.

### **4.3. Uma nova forma de se fazer jornalismo?**

O que pressupõe um jornalismo de qualidade? Ética, respeito, isenção, ouvidos e olhos atentos e a missão máxima de buscar informação, em um compromisso com o público, poderiam ser algumas das respostas. Na entrevista concedida ao Roda Viva, já mencionada neste trabalho, Bruno Torturra diz que a Mídia Ninja pratica jornalismo, sim, e que as pessoas não deveriam nem ter essa dúvida.

Mas a sensação de estranheza, motivo pelo qual alguns cidadãos não conseguem enxergar o trabalho da NINJA como jornalismo ou ainda ficam em dúvida, vem do estilo e do formato que ela imprime às gravações. Um molde que bate de frente com o que é produzido dentro de grandes redações e que tenta, de todos os jeitos, não se assimilar ao molde da mídia tradicional. Baixo custo, um jornalismo menos cômodo, que se lança em meio à multidão, que enfrenta mais perigos e que busca respostas para perguntas que, muitas vezes, não estão nem sendo feitas.

A mídia livre, como já apontado, tem a premissa da colaboração e da articulação. Seu conteúdo é exibido para um público que o compartilha com outros públicos de forma livre e espontânea (CASTELLS, 2013). Acima de tudo, ela quebra o paradigma de formato da “notícia”, desconstruindo uma visão (ANTOUN & MALINI, 2010). Em quantos vídeos do Jornal Nacional é possível ver uma entrevista/conversa tão longa como nos vídeos da Ninja, que se dispõe a ouvir manifestantes de forma aleatória? Nos vídeos do JN, os “aleatórios” não têm nome e aparecem falando frases soltas e editadas.

Formatos de jornalismo como os da Mídia NINJA oferecem riqueza de visão e perspectiva. Quem, durante os protestos, conseguiu acompanhar o Jornal Nacional e também a mídia livre, teve uma fonte de reflexão e comparação: tão essenciais para o espírito democrático. Afinal, as diferenças, em ambiente livre e plural, devem ser comunicadas de forma a contribuir para a formação do indivíduo social.

---

<sup>114</sup> Tradução da autora: “...en la sociedad red la batalla de las imágenes y los marcos mentales, origen de las luchas por las mentes y las almas, se dirime en las redes de comunicación multimedia”.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho representa apenas uma pequena contribuição frente aos novos debates sobre o futuro do jornalismo. Este é um caminho que ainda está em construção: os próprios profissionais do meio ainda apostam em diversas estratégias e tateiam o horizonte que se descortina diariamente.

As Jornadas de Junho tiveram sua importância como movimento social e político, por estarem inseridas dentro do contexto das novas lutas globais, e porque, no Brasil, o cenário era – e ainda é - bastante complexo. Elas aconteceram em um ano de teste para grandes eventos, antes da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016, e pré-Eleições 2014, uma das mais emblemáticas da história do país.

Entende-se que, por ser um movimento repleto de singularidades e que conversa com tantas esferas e agendas, a sua verdadeira dimensão é imensurável. Torna-se, ainda mais, por estar inserido na lógica das redes, o que potencializa seu alcance e diversifica sua inserção na sociedade. Seus efeitos e repercussões são preciosos de serem analisados quanto aos imaginários social e ideológico criados.

Essa percepção também se estende à política. Em março de 2013, o governo da presidente Dilma Rousseff (PT) tinha 65% de avaliação positiva, segundo pesquisa realizada pelo Datafolha. No final de junho, esse número cai para 30%. É bastante difícil avaliar o impacto das manifestações sobre o eleitorado brasileiro – e nem é a intenção deste trabalho - mas não há dúvidas que existe correlação entre os eventos e a imagem mental tão citada por Castells (2009, 2013). É a mudança na cabeça das pessoas que produz sentido e ação na prática.

Em 2014, observou-se que o número de protestos durante a Copa do Mundo foi bastante inferior aos de 2013. A mídia tradicional quase não anunciava as manifestações e deu grande ênfase à cobertura da Copa como um todo. A Fifa, por intermédio de empresa parceira, foi a responsável pela captação, produção e emissão de imagens dos jogos para emissoras que adquiriram os direitos de transmissão das partidas (aqui no Brasil, a TV Globo e a TV Bandeirantes, em canal aberto).

Trata-se de um negócio a nível internacional: as mesmas imagens captadas pela HBS<sup>115</sup> – a empresa parceira – estavam sendo exibidas por emissoras licenciadas em todo o mundo. Talvez seja acertado imaginar que os lucros, neste caso, justificam a atenção rala dada às manifestações de 2014. Somam-se a isso os gastos com publicidade

---

<sup>115</sup> Na sigla, em inglês, Host Broadcast Services.

em TV aberta: qual marca não quer ver seu anúncio sendo exibido no intervalo de um jogo durante a Copa do Mundo?<sup>116</sup> Quanto maiores forem os custos, mais interesses convergem. Cabe o questionamento: será que a própria Fifa não estipulou que o protocolo oficial deveria ser respeitado, sem nenhuma interferência de outra cobertura que não fosse a da Copa? E, se tal pergunta é real, onde está o papel fundamental e social das empresas de comunicação, que é o de informar o cidadão?

Além disso, é certo que houve um esvaziamento do movimento em virtude da escalada da violência durante os atos. Isso se observou já mesmo em 2013, quando o discurso sobre os black blocs ganhou grande atenção da mídia. Essa tentativa de criminalização – formando uma imagem negativa dos protestos – afastou manifestantes que não concordavam com a ação dos black blocs e temiam a resposta policial.

Com a morte, em fevereiro de 2014, do cinegrafista da Band Santiago Andrade<sup>117</sup>, atingido por um rojão fatalmente na cabeça, todo o cenário da criminalização ganhou ainda mais espaço. A mídia usou, a seu favor, a morte como símbolo de violência e descaso do governo. O episódio teve ainda mais repercussão porque o explosivo foi lançado por dois meninos, Caio Silva de Souza (22) e Fábio Raposo (22), acusados de terem conduta violenta durante protestos.

Apenas para a Copa do Mundo, o governo brasileiro gastou cerca de R\$50 milhões na compra de armamentos, bem como R\$1,8 bilhão com segurança pública<sup>118</sup>. O slogan “A Copa das Tropas” ficou até famoso entre manifestantes durante os protestos, fazendo analogia ao slogan do governo (“A Copa das Copas”), mas enfatizando o poderio do aparato de segurança pública e do número de oficiais decorrente de investimento para o mundial.

Dado esse parêntese, voltemos ao jornalismo. Dias antes do início da Copa do Mundo (11 de junho), a Mídia Ninja lançou sua nova plataforma online de jornalismo<sup>119</sup>. A iniciativa teve como objetivo ganhar mais autonomia além do ambiente das redes sociais, com um site em que é possível ler coberturas em texto mais aprofundadas, além das transmissões ao vivo.

---

<sup>116</sup> Disponível em: <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/mercado/copa-aumenta-a-concentracao-de-verba-de-propaganda-na-tv-aberta-4443>. Último acesso em: 10 de outubro de 2014.

<sup>117</sup> Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/caso-santiago-andrade-juiz-nega-revogacao-de-prisao-dos-dois-reus-12292043>. Último acesso em: 10 de outubro de 2014. As manifestações do início de 2014 tinham como objetivo protestar contra o novo aumento das passagens, no Rio de Janeiro, que não sofreram revogação.

<sup>118</sup> Disponível em: <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2012-08-15/plano-de-seguranca-da-copa-de-2014-preve-gastos-de-r-117-bi>. Último acesso em: 10 de outubro de 2014.

<sup>119</sup> Disponível em: <https://ninja.oximity.com/>. Último acesso em: 10 de outubro de 2014.

Cabe questionar que impacto esse novo site traz. Quais fontes serão ouvidas: tanto o lado que reitera uma visão quanto o outro que discorda? É um jornalismo que continua defendendo um desses lados e determinados valores, como nas transmissões, ou ele agora é mais neutro? Os Ninjas tendem a se identificar no futuro, perdendo a característica “sem rosto”? São perguntas que só podem ser respondidas apenas com uma análise mais aprofundada, acompanhando a evolução da iniciativa, mas, ainda assim, são interessantes de serem pontuadas.

No novo endereço, a produção coletiva está presente por meio da colaboração de outros indivíduos que também abastecem o site. Como informou Pablo Capilé em seu perfil no Facebook:

Às vésperas da Copa do Mundo no Brasil, Midia Ninja lança plataforma colaborativa e rede social voltada para o midiativismo e para o jornalismo cidadão. Fruto de uma parceria com a plataforma Oximity, radicalizamos nossa proposta, apostando na produção colaborativa, no financiamento coletivo e na livre distribuição de todos os nossos conteúdos. Foi em junho de 2013, quando todo o país foi tomado por manifestações, que nos tornamos uma alternativa de mídia independente. A multidão, que, para muito além dos 20 centavos, se manifestava por mais direitos e por mais democracia, ao chegar em casa das ruas e se ver na televisão filmada a partir de helicópteros e descrita por apresentadores que os chamavam de vândalos, buscou nas redes novas representações.<sup>120</sup>

Nas matérias do portal, todos os textos levam a assinatura “NINJA” - salvo os textos escritos por outros colaboradores – reforçando a frase que ficou marcada durante a cobertura dos protestos de 2013: “Ninja somos todos”. Quem escreve? Um coletivo, cujo rosto é formado por partes de rostos, ideias e palavras de pessoas que integram o grupo pelo Brasil inteiro. A identidade é plural.

A proposta de financiamento também o é. No site, ainda não foi posta em prática a lógica do *crowdfunding*, mas ela é bem diferente do modelo de negócio praticado por empresas como a TV Globo. De um lado, a lógica da rede e da contribuição coletiva; do outro, verbas adquiridas pela publicidade, vendas de produtos internos para outras empresas, entre outros negócios.

O futuro do jornalismo não está nada definido. Não se sabe qual cenário é mais promissor e provedor de boas oportunidades para a sobrevivência da profissão. Até agora, vimos tentativas e um turbilhão de novas iniciativas. Este trabalho apenas mostra um pequeno pedaço entre um modelo de jornalismo ainda muito praticado, mas que já

---

<sup>120</sup> Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/blog/2014/06/midia-ninja-lanca-plataforma-colaborativa/>. Último acesso em: 10 de outubro de 2014.

mostrou indícios de que requer oxigenação, e um novo que gera dúvidas, embora aponte uma alternativa de caminho.

O jornalismo já passou por diversas faltas de perspectivas. Na transição da Era do Rádio para a Era da Televisão, houve tantas dúvidas quanto as que se põem hoje. Ele foi reinventado e seguiu forte. Ele revive isso em virtude da multiplicidade de técnicas à sua disposição e porque as formas de contar histórias se expandiram e estão, agora, nas mãos dos então receptores. Emissor, canal, código, mensagem e receptor agora não trabalham em um único fluxo.

As Jornadas de Junho vieram para integrar o quebra-cabeça: tornaram-se uma peça do jogo. Mais do que importância social e política, elas mostraram a importância de novas narrativas. Estas, sim, fundamentais para o ser humano enquanto cidadão. No dia 27 de julho de 2014, o jornalista Sidney Rezende publicou um artigo em seu site, no qual conversa com a necessidade de ouvir, elemento caro a um profissional responsável.

Precisamos parar de apontar o dedo em riste para quem julgamos ser os culpados. Jornalista não prende, não realiza inquérito, não julga. Jornalista deve informar tudo o que é pertinente ao fato. Não existe neutralidade, e, sim, isenção. Notícia não tem somente dois lados, e, sim, vários. Em alguns casos, incontáveis. Jornalista está se achando mais importante do que ele é. E, com esta falsa convicção, estamos sendo conduzidos para o cadafalso. Esta longa introdução é para chegarmos até uma conclusão simples: nós, jornalistas, não gostamos de ouvir. Não sabemos ouvir. Não aceitamos críticas. Somos arrogantes mesmo que não pensemos isso de nós. Talvez porque sejamos tão ludibriados, enganados por fontes maldosas e presos a horários perversos, que já partamos do princípio que estamos certos.<sup>121</sup>

A missão e a função do jornalista não é julgar, dar preferência, incitar discursos apaixonados, mas, sim, ouvir amplamente, despir-se de seus próprios conceitos, informar com responsabilidade e comprometimento ao cidadão, não a interesses outros. É preciso cumprir o *deadline*, mas é preciso questionar quando este prazo está atrelado a “curtidas” no site, em detrimento de informação mais completa e responsável.

Não cabe a nós apontar a direção da matéria, mas, sim, dispor de tudo o que pesquisamos e procuramos para mostrar ao leitor que ele é capaz de ver onde está o peso maior das evidências. Um jornalista tem a missão de se empenhar para oferecer a seu público todas as versões que um fato envolve.

---

121

Disponível em: <http://www.sidneyrezende.com/noticia/233898+os+jornalistas+precisam+aprender+a+ouvir>.  
acesso em: 10 de outubro de 2014.

em:  
Último

A fagulha que acende dentro um leitor, ouvinte e telespectador também é resultado do jornalismo. A sociedade muda e o jornalismo acompanha esse movimento, jogando luz sobre parcelas mal iluminadas, pouco visíveis, e, também, sobre aquelas que já receberam muita atenção. Ética, justiça, respeito e atenção ao próximo, entre outros valores humanos, não podem faltar à profissão, seja qual for o caminho que a espera à frente.



## VI. Referências bibliográficas

### Livros e Artigos

AMADEU, Sérgio; KUNSCH, Dimas A. (Org.). **Software Livre: a luta pela liberdade do conhecimento**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004 – Disponível em: [http://www.fpa.org.br/uploads/Software\\_livre.pdf](http://www.fpa.org.br/uploads/Software_livre.pdf)

\_\_\_\_\_. (Org.). **O conceito de commons na cibercultura**. In: XXX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2007. Disponível em: <http://www.adevento.com.br/intercom/2007/resumos/R1202-1.pdf>.

\_\_\_\_\_. **Diversidade digital e cultura. Seminário Internacional sobre Diversidade Cultural: práticas e perspectivas**. Junho de 2007. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/site/2007/06/20/diversidade-digital-e-cultura-por-sergio-amadeu-e-associados/>.

ANTOUN, Henrique, MALINI, Fábio. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre, Ed. Sulina, 2013.

\_\_\_\_\_. **Ontologia da liberdade na rede: as multimídias e os dilemas da narrativa coletiva dos acontecimentos**, In: XIX Encontro da Compôs, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro, 2010.

BURKE, Peter, BRIGGS, Asa. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet**. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, p. 188-360, 2004.

CASTELLS, Manuel. **Comunicación y poder**. Madrid, Alianza, p. 33-259, p. 376-553, 2009.

\_\_\_\_\_. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 272 p., 2013.

CAVALCANTI, Cecília C. B. e FONTANETTO, Renata M. B. A cidade na era da cultura de redes: uma análise da mídia sobre as manifestações de junho de 2013 no Rio de Janeiro. In: XXII Congresso Alaic, Lima, Peru. Lima, 2014.

HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. **Multidão: guerra e democracia na era do Império**. Rio de Janeiro, Record, 2005, p. 200-270.

HARVEY, David et al (org.). **Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas**. São Paulo, Ed. Boitempo, Carta Maior, 88 p., 2012.

INOJOSA, Beatriz Garcia. **Ciberativismo: o slacktivismo como fenômeno de promoção do acesso à informação e da transparência**. Monografia apresentada na ECO/UFRJ. Rio de Janeiro, 2012, 92 p.

JOHNSON, Steven. **Cultura da Interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar**. Rio de Janeiro, 1997, p. 15-110.

LEMOS, André (ed.). **Cibercidade: as cidades na cibercultura**. Rio de Janeiro: E-papers, 2004.

\_\_\_\_\_. **Ciber-rebeldes**. Jornal A Tarde, 08 mai. 1996.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo, 34, 1999.

MARICATO, Ermínia, et al (org.). **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo, Ed. Boitempo, Carta Maior, 112 p., 2013.

McLUHAN. **Understanding Media: The Extensions of Man**. New York: McGraw-Hill, 1964, p. 1-80.

REIS, Raul, in BARBOSA, Marialva, MORAIS, Osvando J. de, et al (org.). O futuro da mídia no século XXI: prática jornalística e redes sociais. In: **Comunicação em tempo de redes sociais: afetos, emoções e subjetividades**, Manaus, Intercom 2013, p. 67-77.

RICCI, Rudá & ARLEY, Patrick. **Nas ruas: a outra política que emergiu em junho de 2013**. Belo Horizonte, Editora Letramento, 246 p., 2014.

SAID, Gustavo Fortes & DOURADO, Jacqueline Lima (org.). **O delírio é um desejo: ensaios e fragmentos sobre os protestos de junho de 2013 no Brasil**. Teresina, Editora Edufpi, 112 p., 2014.

TARDE, Gabriel. **A opinião e as massas**. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 2005, p. 5-57.

DEUZE, Mark. **The Web and its journalisms: considering the consequences of different types of news media online.** New Media & Society. London: SAGE, v. 5(2), 2003, p. 203-230.

**Entrevista da Mídia Ninja para o programa Roda Viva.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vYgXth8QI8M>. Visualizado em: 8 de fevereiro de 2014.

**Jornalismo pós-industrial. Caminhos para um pós-jornalismo.** Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?secao=447>. Visualizado em: 20 de julho de 2014.

**Os escrachos e um novo fenômeno de participação social. Entrevista especial com Ivana Bentes.** Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/522986-os-escrachos-e-um-novo-fenomeno-de-participacao-social-entrevista-especial-com-ivana-bentes>. Visualizado em: 20 de julho de 2014.

## **Websites**

<http://oglobo.globo.com>

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/index.html>

<http://us.twitcasting.tv/midianinja/>

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/>

<http://www.sidneyrezende.com>

<https://ninja.oximity.com/>

<http://g1.globo.com>

<http://www1.folha.uol.com.br>

## VII. ANEXOS

### Anexo I – Como gravar ao vivo?

**POSTV**  
**#**  
**NINJA**

# CARTILHA DE TRANSMISSÃO VIA TWITCASTING

-  1 Faça **DOWNLOAD** do aplicativo "twitcasting" no seu iphone (app store) ou android (playstore).
-  2 Faça seu **LOGIN** no  twitter
-  3 Vá em configurações e ative o "permitir live de fundo", para conseguir usar **OUTRAS** funções do celular, **SEM INTERROMPER A TRANSMISSÃO**.
-  4 Aperte **GO LIVE** e transmita ao vivo.
-  5 Em seguida uma **JANELA ABRIRÁ** para twittar uma mensagem. Escreva e envie.
-  6 Há um balão no **CANTO INFERIOR ESQUERDO** da imagem, que permite a inserção de uma legenda. **USE PARA TAGS**.
-  7 Para cortar o som, aperte **MUTE**
-  8 Ao interromper a transmissão, **SALVE O VIDEO** através da opção que aparecerá na tela.
-  9 Levar um laptop na mochila conectado ao celular **AUMENTA A AUTONOMIA DA BATERIA**.
-  10 Planos **PÓS PAGOS** possuem maior taxa de upload de dados na rede 3G. **O MÍNIMO INDICADO É 0.3 KBPS** (use o aplicativo speedtest para testar sua internet)

ENVIE UM EMAIL PARA [MIDIANINJA@GMAIL.COM](mailto:MIDIANINJA@GMAIL.COM) INFORMANDO-NOS DA TRANSMISSÃO PARA QUE DIVULGUEMOS O LINK

## Anexo II – Pós TV



## Anexo III – Frame 1 do Jornal Nacional



**Anexo IV – Frame 2 do Jornal Nacional**



**Anexo V – Frame 3 do Jornal Nacional**



## Anexo VI – Posts do Facebook da NINJA

Busca personas, lugares y cosas

Renata Inicio 6

Crear una página

Reciente  
2014  
2013

Anuncios

FARM na OFF PREMIUM  
offpremium.com.br  
Peças fresh e coloridas para aproveitar dias de sol com as amigas! Tudo com até 70% off, vem!

Chat (desactivado)

Robert Amédée Péret  
Hoy a las 23:16

Movimento contra a corrupção!! Queremos a total divulgação antes da Eleição!! Chega de manipulação!!

Me gusta · Comentar

Amauri Corrêa Gama  
Hoy a las 20:44

Não tô entendendo o Ninja? Se vendeu para o Governo de Petralhas ou ... Ver más

Me gusta · Comentar

André Mattos  
Hoy a las 19:20

O BRASIL NÃO ESQUECERÁ 45 escândalos que marcaram o governo FHC com... Ver más

Me gusta · Comentar

"ME GUSTA" DE ESTA PÁGINA

NINJA  
29 de junio de 2013

Moradores do bairro Jd. Botânico, no Rio de Janeiro (RJ), se manifestam nesse momento contra a violência da polícia, as remoções de moradias na região e a manipulação de informações da rede Globo.

Foto: Mídia NINJA



Busca personas, lugares y cosas

Renata Inicio 6

Crear una página

Reciente  
2014  
2013

Anuncios

FARM na OFF PREMIUM  
offpremium.com.br  
Peças fresh e coloridas para aproveitar dias de sol com as amigas! Tudo com até 70% off, vem!

Chat (desactivado)

COBERTURA COLABORATIVA DAS FAVELAS MARÉ

PUBLICACIONES DE LA PÁGINA

Robert Amédée Péret  
Hoy a las 23:16

Movimento contra a corrupção!! Queremos a total divulgação antes da Eleição!! Chega de manipulação!!

Me gusta · Comentar

Amauri Corrêa Gama  
Hoy a las 20:44

Não tô entendendo o Ninja? Se vendeu para o Governo de Petralhas ou ... Ver más

Me gusta · Comentar

André Mattos  
Hoy a las 19:20

O BRASIL NÃO ESQUECERÁ 45 escândalos que marcaram o governo FHC com... Ver más

NINJA  
25 de junio de 2013

"A POLÍCIA QUE REPRIME NA AVENIDA É A MESMA QUE MATA NA FAVELA"

Após sofrer ataques em seu prédio durante a operação do BOPE no complexo de Favelas da Maré, O Observatório das Favelas está mobilizando a população do Rio de Janeiro para resistir a uma nova invasão do Batalhão essa noite.

Foto: Luis Henrique Nascimento



Busca personas, lugares y cosas

Renata Inicio 6

O BRASIL NÃO ESQUECERÁ 45 escândalos que marcaram o governo FHC com... Ver más

Me gusta · Comentar

"ME GUSTA" DE ESTA PÁGINA

Roda Cultural Do Méi... Me gusta

NA Favela Me gusta

República Me gusta

Español (España) · Privacidad · Condiciones · Cookies · Más · Facebook © 2014


**NINJA**  
24 de junio de 2013

Assembleia popular de Avaliação e Ação reúne milhares no Rio de Janeiro em debate que já dura 4h.

Raphael Moura transmite ao vivo pela POSTV <http://bit.ly/11yCFra>

Foto: Gabriele Valente / Mídia NINJA

#MídiaNINJA  
Foto: Mídia NINJA



Reciente  
2014  
2013

Anuncios

FARM na OFF PREMIUM  
offpremium.com.br  
Peças fresh e coloridas para aproveitar dias de sol com as amigas! Tudo com até 70% off. vem!

Chat (desactivado)

Busca personas, lugares y cosas

Renata Inicio 6

O BRASIL NÃO ESQUECERÁ 45 escândalos que marcaram o governo FHC com... Ver más

Me gusta · Comentar

"ME GUSTA" DE ESTA PÁGINA

Roda Cultural Do Méi... Me gusta

NA Favela Me gusta

República Me gusta

Español (España) · Privacidad · Condiciones · Cookies · Más · Facebook © 2014

**NINJA**  
18 de junio de 2013

No Rio de Janeiro mais de 100 mil pessoas participaram do protesto "Operação Pare o Aumento! Passe Livre JÁ!" que também visava as obras e uso do dinheiro público para a Copa e apoia os movimentos em SP.

Foto: Mídia NINJA



Me gusta · Comentar · Compartir

96 Se ha compartido 18 veces

Reciente  
2014  
2013

Anuncios

FARM na OFF PREMIUM  
offpremium.com.br  
Peças fresh e coloridas para aproveitar dias de sol com as amigas! Tudo com até 70% off. vem!

Chat (desactivado)



## Anexo VII – Frame 1 da Mídia NINJA



Duração: 20:09 | Total: 27,221 Visualizações | Maior Audiência de Live: 10,074 |  
Dispositivo: iPhone 4 | 30/6/2013 19:13:43 | [Incorporar](#) | [R17](#)

## Anexo VIII – Frame 2 da Mídia NINJA



Duração: 03:48 | Total: 6,168 Visualizações | Maior Audiência de Live: 4,566 |  
30/6/2013 22:24:39 | [Incorporar](#) | [R17](#)